

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
EM CIÊNCIAS E MATEMÁTICA
MESTRADO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E MATEMÁTICA**

MARCOS STEPHANI

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA: uma perspectiva interdisciplinar na
construção da autonomia do aluno**

Porto Alegre, dezembro de 2005.

MARCOS STEPHANI

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA: uma perspectiva interdisciplinar na
construção da autonomia do aluno**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo da Cunha Pinent

Porto Alegre, dezembro de 2005.

MARCOS STEPHANI

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA: uma perspectiva interdisciplinar na
construção da autonomia do aluno**

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de
Pós-graduação em Educação em Ciências e
Matemática da Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado em ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Eduardo da Cunha Pinent (Presidente)

Prof. Dr. Vicente Hillebrand (PUCRS)

Prof. Dr. Manfredo Carlos Wachs (EST – IEPG)

Agradecimentos

Agradeço a minha esposa, Adriana

Agradeço a meu pai, Adilson

Agradeço a minha mãe emprestada, Rose

Agradeço a meus alunos entrevistados

Agradeço à Coordenadora do Projeto no IEI, Delci

Agradeço a meu colega Rainer

Agradeço ao Instituto de Educação Ivoti

Agradeço a meus colegas de trabalho

Agradeço a meu orientador, Carlos

Agradeço a meus colegas de Mestrado

Agradeço a meus professores

Agradeço à Luterprev

Agradeço à Banca Examinadora

Só você conhece o sonho que idealizou para si mesmo.

Só você pode fazer com que ele aconteça.

Só você conhece a pessoa que há dentro de você.

Seu objetivo é deixar esta pessoa se revelar.

...

Se cada pessoa seguisse seus sentimentos, encontraria a direção que realmente está procurando – sem dogma, culto, governo ou guru.

A luz que você está procurando é interior.

[...] Procurá-la é participar do infinito.

David Viscott, 1982, p. 131 e 135

Resumo

Esta dissertação tem como tema central o processo de construção da autonomia do aluno. Dentro do Projeto de Educação Financeira, alvo da investigação desta dissertação, a construção da autonomia é favorecida por meio da forma participativa com que os alunos compartilham suas experiências entre si, entre eles e o professor e entre eles e suas famílias. A fim de clarear e embasar a construção da autonomia fundada na participação e na interdisciplinaridade, o texto traz, no primeiro capítulo, as concepções de alguns autores que fundamentam idéias da Educação Crítica, da Autonomia/Emancipação e da Interdisciplinaridade. No segundo capítulo descrevem-se o Projeto, a problemática do estudo, a metodologia e os sujeitos da pesquisa, bem como a metodologia de análise dos dados e os objetivos da pesquisa. O terceiro capítulo é o que extrai das entrevistas realizadas com os alunos participantes as suas idéias (impressões, representações) sobre o Projeto e as contribuições deste para suas vidas presente e futura. É uma interpretação das falas dos alunos, no intuito de compreender o que aconteceu durante o Projeto que tenha contribuído para sua formação acadêmica e pessoal.

Palavras-chave: Autonomia. Educação. Interdisciplinaridade.

Zusammenfassung

Das zentrale Thema dieser Dissertation ist der Autonomieentwicklungsprozess des Schülers. Das *Projekt zur Finanzerziehung*, das in dieser Dissertation untersucht ist, favorisiert die Entwicklung der Autonomie durch effektive Mitarbeit und Erfahrungsaustausch unter den daran beteiligten Schülern, Familien und Lehrern. Um die Autonomieentwicklung über Partizipation und Interdisziplinarität zu erklären und zu begründen, bietet dieser Text uns im ersten Kapitel die Konzepte einiger Autoren, die sich mit der Kritischen Pädagogik, der Emanzipation/Autonomie- und der Interdisziplinaritätsfrage beschäftigen dar. Im zweiten Kapitel, werden das Projekt, die Problematik, die Methodologie, die Subjekte der empirischen Forschung, wie auch die Methodologie der Datenanalyse und die Ziele der Forschung beschrieben. Das dritte Kapitel entnimmt aus den mit den Schülern durchgeführten Interviews ihre Vorstellungen (Repräsentationen und Eindrücke) über das Projekt, und seinen Beitrag für das gegenwärtige und künftige Leben der Schüler. Die Aussagen der Schüler werden interpretiert mit der Absicht, die Vorkommnisse des Projekts und ihren Beitrag zur akademischen und persönlichen Bildung zu untersuchen und letztendlich zu verstehen.

Schlüsselwörter: Autonomie. Bildung. Interdisziplinarität.

Sumário

1 Introdução	10
2 Referencial teórico	13
2.1 Autonomia em Paulo Freire	13
2.2 Educação e emancipação em Theodor W. Adorno	21
2.3 Interdisciplinaridade	27
2.4 Educação matemática crítica em Ole Skovsmose	31
3 Situando a problemática do estudo	34
3.1 Primeiras considerações	34
3.2 Descrição do Projeto de Educação Financeira	36
3.3 Metodologia da pesquisa	38
3.3.1 Sujeitos da pesquisa	38
3.3.2 Instrumentos e indicadores	38
3.3.3 Metodologia de análise	39
3.3.4 Atividades para coleta de dados	40
3.4 Objetivos da pesquisa	40

3.4.1 Objetivo geral	40
3.4.2 Objetivos específicos	41
4 Análise dos dados – categorias emergentes das entrevistas	42
4.1 Educação	43
4.2 Interdisciplinaridade	50
4.3 Construção de autonomia	56
5 Conclusão	65
Referências	69
Anexos	72

1 Introdução

Ouvir o aluno, dialogar com ele, saber dele quais são suas expectativas em relação à Escola e em que aspectos a formação escolar o ajudará na tomada de decisões em sua vida adulta. Eis o objetivo desta dissertação.

Observando a Alemanha, Karl Marx (nascido em 1818) se pergunta onde poderia haver a possibilidade de emancipação. Responde que isso poderia ocorrer na formação de uma classe social que fosse a dissolução de todas as classes, uma classe radical, que emancipasse a si enquanto emancipasse toda a sociedade (Marx, 1993 p. 33-181).

Um século mais tarde, um outro filósofo, Theodor W. Adorno (nascido em 1903) discute essa mesma problemática da emancipação, mas direcionado à educação. Ele parte do princípio de que é possível conferir talento a alguém, já que o talento, segundo ele, não é uma disposição natural; por isso a escola, por intermédio da motivação, pode desenvolver a emancipação. Já na primeira infância, criam-se as condições que implicam a presença ou ausência da emancipação por toda a vida do ser humano (Adorno, 2000, p. 169-185).

A emancipação quer promover a autonomia do indivíduo. O que quero verificar é como o Projeto de Educação Financeira, alvo da pesquisa desta dissertação, realizado de forma interdisciplinar, dá conta de ser ferramenta eficaz na promoção dessa autonomia.

Sabemos que no passado recente de nosso país, a não-emancipação era explícita. Tivemos o período da ditadura militar, que proibia tudo, controlava com mão de ferro as manifestações e queria controlar a educação e os pensamentos dos indivíduos. Em contrapartida, a idéia de que hoje há grande liberdade de escolhas e facilidades para se ter acesso à informação está difundida e tem grande aceitação pela nossa sociedade. Os cidadãos de hoje parecem estar convencidos de que têm liberdade e são autônomos, vão “para onde querem”. Será? Arrisco dizer que o tolhimento da liberdade parece ser tão ou mais forte do que quando vivíamos sob um regime de governo de ditadura política. A propaganda que a mídia publica, recheada de argumentação altamente elaborada, dita a forma como os cidadãos devem viver, consumir e trabalhar. A ditadura de outrora era visível, palpável, contra a qual se podia lutar, em se tendo coragem, com as armas de que se dispunha. A de hoje é absolutamente sutil, a ponto de se travestir de liberdade de escolha, de democracia. Parece que a única liberdade que há é determinada pela capacidade econômica do cidadão em consumir mais ou menos. E se sua capacidade de consumir for pequena, este cidadão será pouco considerado na sociedade, será uma pessoa de menos importância, como se o valor do ser humano pudesse ser medido por sua capacidade de consumo. Quero analisar o que diz Adorno (2000, p. 175):

[...] um problema que ultrapassa em muito os limites dos sistemas políticos. Nos Estados Unidos, efetivamente, duas exigências diferentes se chocam diretamente: de um lado, o vigoroso individualismo, que não admite preceitos, e de outro lado a idéia da adaptação assumida do darwinismo [...], o ajustamento [...] que imediatamente tolhe e restringe a independência no próprio ato, mesmo de sua proclamação.

É preciso aprender a refletir, ponderar, consultar, dialogar e tomar decisões só depois de ter se informado bem, sob pena de decidir de forma a prejudicar-se a si mesmo. Aqui entra a Escola, com seu projeto interdisciplinar, com o intuito claro de ajudar na construção da autonomia do aluno e fornecer-lhe ferramentas para ser tanto mais autônomo quanto mais informado ele conseguir ser.

Mas não é fácil ser autônomo neste mundo moderno cheio de apelos de consumo e de propaganda. Nesse sentido, Lück (2002, p. 25) afirma:

[...] ao ligar a TV, enquanto telespectadora, a pessoa recebe a mensagem de que fumar o cigarro da marca X lhe atribui status, charme e até mesmo atração sexual, para em seguida ser informado de que faz mal à saúde. Da mesma forma que, num minuto recebe a estimulação para que compre um produto, no outro, recebe o apelo para economizar, depositando na caderneta de poupança.

Qual é o apelo a ser seguido? Fumar ou não fumar? Comprar para me sentir bem, satisfazer minhas necessidades com as facilidades da tecnologia moderna ou economizar para o futuro? Esse é o desafio que a educação precisa enfrentar e uma ferramenta para vencer este desafio é o trabalho interdisciplinar, que possibilita e fomenta o diálogo. Busca respostas nas vivências das pessoas envolvidas neste processo e avança na medida da troca de idéias e experiências.

Cada indivíduo participante do processo de formação do ser humano tem uma parte de responsabilidade nesse processo de mudança pela qual a educação passa. E a Educação Financeira vem ser um elo de ligação entre várias áreas do conhecimento, no sentido de fazer com que trabalhem juntas e formem na epistemologia do aluno conceitos capazes de instrumentalizá-lo para a construção de sua autonomia.

Estamos falando em tomada de decisões. E é aonde se quer chegar: por meio da troca de idéias e de experiências, instrumentalizar os alunos a construírem, aos poucos, sua autonomia. Assim, quer-se que esse processo de construção de autonomia seja um aprendizado constante que deverá acompanhar o aluno não só enquanto for estudante em uma instituição de ensino, mas em toda a sua vida.

2 Referencial teórico

Autonomia, emancipação, interdisciplinaridade e educação matemática crítica são termos que aparecerão nos itens a seguir. Eles embasam as categorias que descrevo no capítulo quatro desta dissertação e fundamentam o Projeto de Educação Financeira que ocorre na escola em que elaborei o estudo desta pesquisa.

2.1 Autonomia em Paulo Freire

Dentre muitos autores, Paulo Freire é um dos que muito se debruçam sobre a compreensão do que seja a autonomia para as pessoas. Segundo o autor, “[...] a inconclusão do ser humano, sua inserção num permanente movimento de procura [...]” (2003, p. 14) é o que o impulsiona a um permanente estado de formação, mais do que puramente treinamento. Daí, diz, “[...] minha permanentemente presente crítica à malvadez neoliberal, ao cinismo de sua ideologia fatalista e a sua recusa inflexível ao sonho e à utopia.” (2003, p. 14). Com este trabalho, quero constatar como é possível realizar uma educação diferente, capaz de quebrar com o que Freire chama de *fatalismo*, embotamento aos sonhos. Quero descobrir quais as possibilidades há para a educação poder fomentar a autonomia do aluno.

Parece que o mercado de trabalho e o mercado de consumo ditam as regras sob as quais a sociedade deve viver. Mas, como diz Freire (2003, p. 15),

[...] educadores e educandos, não podemos, na verdade, escapar à rigorosidade ética. Mas é preciso deixar claro que a ética de que falo não é a ética menor, do mercado, que se curva obediente aos interesses do lucro.

O processo que se desenrola no Projeto de Educação Financeira é o que quero estudar para saber como ele possibilita o desenvolvimento de um raciocínio crítico e autônomo para os alunos. Há espaço para o diálogo e a argumentação que possibilitarão ao aluno a formação de sua capacidade de reflexão e crítica? Em coro com Freire, quero negar máximas que dizem “a realidade é assim mesmo”. O que busco é verificar se o Projeto de Educação Financeira corrobora essa negação e compreender como faz isso.

Na educação, segundo Freire (2003, p. 23),

É preciso que, [...], desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado.

Fica evidente que não há docência sem discência. É sempre mister, enquanto se pretende ensinar, aprender com a realidade e vivências dos alunos. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Freire (2003, p. 23s.) ainda diz:

Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender.

A autonomia do aluno que participa de um processo como proposto por Freire vai-se construindo naturalmente, paulatinamente, à medida que a ele se possibilita a relação dialógica da troca de idéias. A bagagem que o aluno já traz de sua vivência é levada em conta no processo de formação. E essa valorização do que ele já conhece contribui para a formação de um indivíduo mais autônomo, crítico e capaz de se auto-determinar.

Entretanto, o processo é mais amplo e mais complexo que apenas deixar que o aluno participe ativamente no andamento dos trabalhos de aula. Não se pode sobrevalorizar a contribuição do aluno em detrimento da pesquisa, da busca por conhecimento. Freire (2003, p. 29) diz:

[...] Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e porque me indago. Pesquiso para constatar,

constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

A pesquisa e a busca pelo que já existe são fundamentais para construir o conhecimento e a autonomia. Não será completo o processo de busca se não nos propusermos a dialogar, criticar, construir novos conceitos e reconstruir outros. É a partir das experiências dos alunos e da minha própria que poderemos edificar, juntos, novos conhecimentos e fundamentar nossa autonomia, que nunca está pronta, senão, a cada dia avança um pouco mais na medida exata em que avança também o meu processo de educação e formação.

A crítica é de fundamental importância no desenvolvimento deste processo. É preciso avaliar a minha experiência e a dos alunos. Neste sentido, para que haja crítica, é preciso existir uma inquietante curiosidade, uma busca por descobrir novas possibilidades. E Freire (2003, p. 32) nos diz:

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos.

A construção da autonomia passa, assim, pela curiosidade de perguntar, dialogar, concluir e fazer propostas. É assim que as pessoas constroem sua história, ao mesmo tempo mesclada com a da humanidade, e também acrescentando tanto mais à história do seu “entorno” quanto mais autônoma for.

Mas há que se ter responsabilidade. Respeito pelas pessoas envolvidas no processo de educação e respeito ao conhecimento são fundamentais para o êxito na tarefa de educar. Ensinar exige estética e ética, como diz Freire (2003, p.32ss.):

Decência e boniteza andam de mãos dadas. [...] Pensar certo, pelo contrário, demanda profundidade e não superficialidade na compreensão e na interpretação dos fatos. Supõe a disponibilidade à revisão dos achados, reconhece não apenas a possibilidade de mudar de opção, de apreciação, mas o direito de fazê-lo.

Quando vem para a Escola, o aluno traz consigo, obviamente, sua história. Há, junto com ele, as concepções de sua família, de seu bairro, sua região. E há as concepções que

foram construídas sob a influência da mídia. O processo de construção de sua autonomia deve possibilitar que ele consiga analisar tudo o que traz até aqui, conheça novas possibilidades de compreensão e consiga desenvolver uma capacidade de decisão. E suas decisões devem colaborar para a melhora de sua qualidade de vida, sem prejudicar a dos outros semelhantes que com ele vivem em sociedade.

Sobre a argumentação, Freire (2003, p. 35) ainda diz:

O clima de quem pensa certo é o de quem busca seriamente a segurança na argumentação, é o de quem, discordando do seu oponente não tem por que contra ele ou contra ela nutrir uma raiva desmedida [...]. Faz parte do pensar certo o gosto da generosidade que, não negando a quem o tem o direito à raiva, a distingue da raivosidade irrefreada.

O desenvolvimento da autonomia passa pela capacidade de dialogar com quem não concordo e, mesmo em oposição frontal às minhas idéias, não perder a capacidade de diálogo e de conciliação, ainda que a idéia que combato seja, em minha concepção, nociva à minha vida e a tudo em que acredito. Sempre haverá idéias novas, formas novas de ver e rever comportamentos. A construção de autonomia é constante e será sempre necessário evoluir. As ferramentas para esse processo está-se querendo oferecer aqui, com a reflexão em andamento.

A tarefa do educador é grande e importante, na medida em que ele aceita o desafio de ajudar o aluno a construir autonomia e aprender a construí-la constantemente, mesmo depois de ter saído da Escola. Paulo Freire (2003, p. 38) diz:

[...] a grande tarefa do sujeito que pensa certo não é “transferir, depositar, oferecer, doar” ao outro [...] A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de inteligir, desafiar o educando com quem se comunica e a quem comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado.

Assim, o educador proporciona o conhecimento das possibilidades, mas as conclusões finais devem ser descobertas pelo aluno. Então, a construção de autonomia pode se estabelecer de forma importante e significativa. E Freire (2003, p. 40) ainda aborda a idéia da raiva que protesta contra aquilo com o que não se concorda. Ele diz:

Está errada a educação que não reconhece na justa raiva, na raiva que protesta contra as injustiças, contra a deslealdade, contra o desamor, contra a exploração e a violência um papel altamente formador. O que a raiva não pode é, perdendo os

limites que a confirmam, perder-se em raivosidade que corre sempre o risco de se alongar em odiosidade.

A educação deve ser crítica e proporcionar a possibilidade ao aluno de criticar.

Este é um caminho pelo qual passa a construção da autonomia. Diz Freire (2003, p. 41s.):

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. [...] A experiência histórica, política, cultural e social dos homens e das mulheres jamais pode se dar “virgem” do conflito entre as formas que obstaculizam a busca da assunção de si por parte dos indivíduos e dos grupos e das forças que trabalham em favor daquela assunção [...] A solidariedade social e política de que precisamos para construir a sociedade menos feia e menos arestosa, em que podemos ser mais nós mesmos, tem na formação democrática uma prática de real importância.

Tudo o que se faz em educação vem impregnado de conceitos das pessoas que estão envolvidas no processo. O professor traz suas concepções e os alunos também. Cada um traz consigo sua história, suas idéias, sua conduta, seu *status quo*. Aprender a dialogar, respeitar a opinião do outro e tirar novas conclusões a partir de idéias compartilhadas é a tarefa importantíssima a que se propõe o processo da construção da autonomia. Freire (2003, p. 49s.) se vale muitas vezes da expressão *pensar certo* e ele explica por quê.

Pensar certo – e saber que ensinar não é transferir conhecimento é fundamentalmente pensar certo – é uma postura exigente, difícil, às vezes penosa, que temos de assumir diante dos outros e com os outros, em face do mundo e dos fatos, ante nós mesmos. [...] Como professor crítico, sou um “aventureiro” responsável, predisposto à mudança, à aceitação do diferente. [...] Aqui chegamos ao ponto [...] do inacabamento do ser humano. Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento.

Para Paulo Freire, pensar certo não representa uma expressão engessada, como pode parecer à primeira vista. Não é uma forma única de conduzir as idéias ou os pensamentos ou a educação. Para ele, e para mim, pensar certo é uma forma de estar aberto a novas idéias, novas experimentações, novos relatos, novos diálogos. É, em suma, a vocação primeira do professor. E só é possível construir autonomia, de fato, se permitimos que o aluno dialogue, duvide, pergunte, compartilhe idéias com o colega e com o professor. Este aprende também, enquanto dialoga com o aluno. Vivemos em sociedade, que é o nosso suporte, o meio em que é possível a vida em conjunto. Assim, diz Freire (2003, p. 52s.),

No momento em que os seres humanos, intervindo no “suporte”, foram criando o “mundo” [...] já não foi possível “existir” sem “assumir” o direito e o dever de optar, de decidir, de lutar, de fazer política. E tudo isso nos traz de novo à imperiosidade da prática “formadora”, de natureza eminentemente ética. E tudo isso nos traz de novo à radicalidade da “esperança”. Sei que as coisas podem até piorar, mas sei também que é possível intervir para melhorá-las. [...] ... sei que a minha passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida.

Para o professor, é fundamental tornar familiares ao aluno estas reflexões. O mundo em que vivemos será criado e modificado por nós mesmos, na medida exata em que nele intervirmos e dele fizermos o que esperamos por nós e para as futuras gerações que nos seguirão. Freire ainda diz (2003, p. 54s.):

Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam. [...] Mas ainda, a curiosidade é já conhecimento.

A vida de um professor engajado em sua profissão e verdadeiramente comprometido com a formação do seu aluno não pode ser diferente de um interventor da história. É aquele que questiona o aluno, a si mesmo e junto com o aluno. Constrói, assim, sua individualidade, sua autonomia e ajuda na edificação e solidificação da história do seu aluno também. E Freire ainda diz (2003, p. 58):

Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem “tratar” sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem idéias de formação, sem politizar não é possível.

Não há vida plena ou, me arrisco a dizer, não há vida sem reflexão, sem crítica, sem criticar e sem ser criticado. É no compartilhar de idéias que se cresce e que se criam novas possibilidades e facilidades para a vida. É no conhecer as idéias do outro que conheço sua individualidade e a vida desabrocha, viceja. E cabe ao professor incentivar esse intercâmbio. Não só incentivar, mas criar as condições para que ocorra. Às vezes até estabelecendo tarefas e cobrando. Como diz Freire (2003, p. 61),

[...] é a minha autoridade cumprindo o seu dever. Não resolvemos bem, ainda, entre nós, a tensão que a contradição autoridade-liberdade nos coloca e confundimos quase sempre autoridade com autoritarismo, licença com liberdade.

Por vezes, é mister que o professor seja rígido no sentido de provocar diálogo entre alunos que, porventura, sejam mais passivos e só esperam respostas prontas e receitas a serem seguidas. Não é uma tarefa de fácil execução, já que pode ser interpretada como cobrança desmedida ou autoritarismo. É preciso saber provocar o aluno para que traga suas experiências já vividas para a socialização do grupo todo de uma sala de aula. Não no sentido de irritá-lo, é claro, mas em despertar nele a vontade de dialogar e trazer sua contribuição para a reflexão do seu grupo como um todo. E, no diálogo verdadeiro, não há neutralidade, nem do aluno, nem do professor. Freire (2003, p. 71) diz:

Em nome do respeito que devo aos alunos não tenho por que me omitir, por que ocultar minha opção política, assumindo uma neutralidade que não existe. Esta, a omissão do professor em nome do respeito ao aluno, talvez seja a melhor maneira de desrespeitá-lo. O meu papel, ao contrário, é o de quem testemunha o direito de comparar, de escolher, de romper, de decidir e estimular a assunção desse direito por parte dos educandos.

A construção da autonomia passa por tomar partido, tomar decisões, sugerir mudanças, se opor, ajudar na construção da sociedade. O que não é questionado acaba por estagnar-se. E na estagnação morre a vida. Nesse sentido, Freire (2003, p. 77), diz:

Não sou apenas objeto da “História” mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, “constato”, não para me “adaptar” mas para “mudar”. [...] Constatando, nos tornamos capazes de “intervir” na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente de nos adaptar a ela.

Há que se ter esperanças por mudanças. E mudanças são construídas por nós seres humanos, protagonistas da nossa própria história. “Mudar é difícil, mas é possível”, diz Freire. E é a partir deste saber fundamental que programamos nossa ação político-pedagógica, seja qual for o projeto em que estamos nos envolvendo no momento.

Mudanças, entretanto, só podem ocorrer sobre o que já existe, já foi construído. Assim, nem só de diálogo vive a Escola e a aula. “A dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos em que o professor expõe ou fala do objeto” (Freire, 2003, p. 86). Para que haja diálogo entre os alunos e entre eles e o professor, alguma base precisa existir, sob pena de se ficar numa construção romântica, superficial e estéril, que

não levará muito longe na construção da autonomia do aluno. A base é a pesquisa, seja do professor, seja do aluno que, sobre o conhecimento já existente e bem embasado, constrói um novo, elaborado, criticado e bem trabalhado em grupo. E, novamente, precisamos falar em autoridade do professor, que não pode deixar um diálogo solto, leve e superficial, senão deve criar as oportunidades para que tal dialogicidade tenha substância, base. Freire (2003, p. 93) diz:

A autoridade coerentemente democrática, fundando-se na certeza da importância, quer de si mesma, quer da liberdade dos educandos, para a construção de um clima de real disciplina, jamais minimiza a liberdade. [...] A autoridade coerentemente democrática está convicta de que a disciplina verdadeira não existe na estagnação, no silêncio dos “silenciados”, mas no alvoroço dos “inquietos”, na dúvida que instiga, na esperança que desperta.

A autoridade está, não em impor o conhecimento, como quem o despeja, mas em oferecer, na busca pelo conhecimento já existente, a transformação que isso pode proporcionar na vida do aluno, corroborando a construção de sua autonomia. E esse processo será tanto mais bem aproveitado pelo aluno e pelo professor quanto mais coerentes forem as pessoas que nele estão envolvidas. Conforme Freire (2003, p. 96),

[...] impossível seria sairmos na chuva expostos totalmente a ela, sem defesas, e não nos molhar. Não posso ser professor sem me pôr diante dos alunos, sem revelar com facilidade ou relutância minha maneira de ser, de pensar politicamente. [...] uma de minhas preocupações centrais deva ser a de procurar a aproximação cada vez maior entre o que digo e o que faço, entre o que pareço ser e o que realmente estou sendo.

No processo de construção da autonomia do aluno, é de fundamental importância a autenticidade. Só posso ser autônomo e incentivar a construção de autonomia se houver autenticidade no que faço e digo. Do contrário, sem autenticidade, assumo as idéias e conclusões de outro ser, que não eu, e não sou eu mesmo, senão imitação do que outros já fizeram e de suas conclusões. Mas, como diz Freire (2003, p. 98),

[...] a educação é uma forma de intervenção no mundo. [...] implica tanto o esforço de “reprodução” da ideologia dominante quanto o seu “desmascaramento”. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só a outra dessas coisas. Nem apenas “reprodutora” nem apenas “desmascaradora” da ideologia dominante.

Não há neutralidade em educação: preciso me posicionar. E o aluno precisa também, se quiser catalisar a construção de sua autonomia. “Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas” (Freire, 2003, p. 107). A pedagogia da autonomia baseia-se em experiências que estimulem a decisão e a responsabilidade.

Para encerrar esta reflexão sobre autonomia em Paulo Freire (2003, p. 112), cito-o uma vez mais:

Lutar pelo direito que você, que me lê, professora ou aluna, tem de ser você mesma e nunca, jamais, lutar por essa coisa impossível, acinzentada e insossa que é a neutralidade. Que é mesmo a minha neutralidade senão a maneira cômoda, talvez, mas hipócrita, de esconder minha opção ou meu medo de acusar a injustiça? “Lavar as mãos” [...] se a educação não pode tudo, alguma coisa fundamental a educação pode.

Concluindo, a autonomia só se constrói se tivermos a coragem de tomar decisões. Elas não podem ocorrer sem a nossa participação. Eu e o aluno precisamos estar na roda de negociação que decidirá nossos futuros. Assim, poderemos, num processo que se retroalimentará, manter uma permanente construção de nossa autonomia.

2.2 Educação e Emancipação em Theodor W. Adorno

Uma outra forma de falar em autonomia é falar de emancipação. Adorno (2000, p. 169) trata do tema dizendo que “a exigência de emancipação parece ser evidente numa democracia”. Assim como em Paulo Freire, visto acima, Adorno também crê que, para a vida ser mais satisfatória e feliz para as pessoas, é necessária sua autonomia, ou sua emancipação. E a emancipação é um processo que se cria e transforma e recria a cada dia e a cada nova decisão que o ser humano toma em relação aos acontecimentos de sua vida.

Ao mesmo tempo que diz que “a democracia repousa na formação da vontade de cada um”, Adorno (2000, p. 169) sugere a forma pela qual se poderia fomentar a maior

participação de cada indivíduo no desenrolar da história e na explicitação da vontade de cada um. Segundo Adorno (2000, p. 170):

[...] o talento não se encontra previamente configurado nos homens, mas que, em seu desenvolvimento, ele depende do desafio a que cada um é submetido. Isto quer dizer que é possível “conferir talento” a alguém. A partir disto a possibilidade de levar cada um a “aprender por intermédio da motivação” converte-se numa forma particular do desenvolvimento da emancipação.

Da fala acima depreendo que o talento que Adorno diz ser possível desenvolver nas pessoas é o processo da construção do que ele chama de emancipação e Paulo Freire chama de autonomia. Ambos autores crêem que, para a formação de um indivíduo mais feliz, é preciso que seja possível a sua manifestação autônoma de emancipação. São necessárias ferramentas que capacitem o ser humano a tomar suas próprias decisões com base em informações que ele recebe apenas como subsídios para suas escolhas, não para induzi-las. Assim, segundo Adorno (2000, p. 170),

[...] a isto corresponde uma instituição escolar em cuja estruturação não se perpetuem as desigualdades específicas das classes, mas que, partindo cedo de uma superação das barreiras classistas das crianças, torna praticamente possível um desenvolvimento em direção à emancipação mediante uma motivação do aprendizado baseada numa oferta diversificada ao extremo.

Cabe à escola esta grande tarefa, a de proporcionar ao aluno as possibilidades para que consiga construir sua emancipação aos poucos. À medida que transcorre o processo de educação, deve, concomitantemente, ocorrer o processo de emancipação do aluno. Não é uma incumbência da qual se dê conta facilmente, já que, segundo Adorno (2000, p. 171),

[...] a própria ciência revela-se em suas diversas áreas tão castrada e estéril, em decorrência desses mecanismos de controle [...] é mister a demolição desse fetiche do talento [...] segundo o qual o talento não é uma disposição natural.

A idéia que aqui compartilho com Adorno é a de que é possível, e desejável, que a escola consiga fornecer as condições necessárias para a criação do talento indispensável para que os alunos aprendam a construir, ao longo de toda a sua existência, sua emancipação. Para tanto, é necessária uma decisão pedagógica de fazê-lo. Isto não é tão óbvio, nem tão fácil, quanto se possa imaginar. Vivemos numa sociedade consumista e que quer oferecer ao cidadão produtos, quer vender. Pensando apenas num exemplo simples e corriqueiro, numa

realidade escolar, olhe-se para o bar da escola que oferece todo tipo de alimento industrializado, pouco saudável do ponto de vista da nutrição ou mesmo da medicina. A construção de emancipação passa pela capacidade do aluno em decidir o que é melhor para sua saúde (biológica e financeira). Adorno (2000, p. 172) diz:

Contudo, o que é peculiar no problema da emancipação, na medida em que esteja efetivamente centrado no complexo pedagógico, é que mesmo na literatura pedagógica não se encontra esta tomada de posição decisiva pela educação para a emancipação, como seria de se pressupor – o que constitui algo verdadeiramente assustador e muito nítido.

A escola, especialmente a do Brasil, na qual estamos mergulhados no desenvolvimento deste trabalho, parece ser, cada dia mais, um braço da economia dominante. Ora, a economia não quer cidadãos autônomos, senão quer consumidores que não questionem, mas simplesmente comprem, consumam. Tanto que a escola, dentro da economia do Brasil, é considerada inserida no setor de serviços. Ora, quem oferece serviços, deve agradar sua clientela, sob pena de não ter mais seus clientes se não oferecer um serviço que agrade. E oferecer um serviço que agrade não é tarefa fácil para uma escola se ela quiser contribuir de forma decisiva para a formação de indivíduos emancipados. Mas é um bom desafio para professores realmente engajados na educação e comprometidos com a preparação de jovens para dirigir suas vidas de forma autônoma. Adorno (2000, p. 174s.) diz:

Creio que a questão da emancipação é a rigor um problema mundial [...] É efetivamente muito interessante este fenômeno da continuidade mundial do domínio da educação não-emancipadora, embora a época do esclarecimento já vigore há tempos.

No passado, a não-emancipação era explícita. No Brasil tivemos o período da ditadura militar, que proibia tudo, controlava com mão de ferro as manifestações e queria controlar a educação e os pensamentos dos indivíduos. Noutras partes do mundo houve regimes igualmente autoritários, de diversas linhas, que não cabe aqui expor. Parece que hoje, com a luta incansável por democracia, quer-se convencer os cidadãos que há total liberdade e que somos autônomos para decidir o que fazer com nossas vidas. Os jovens, por meio de suas especiais manifestações rebeldes, parecem estar convencidos de que têm liberdade e são

autônomos, vão “para onde querem”. Será? Arrisco dizer que o tolhimento da liberdade parece ser tão ou mais forte do que quando vivíamos sob um regime de governo de ditadura política. A ditadura que hoje existe é a econômica, de mercado, que dita a forma como os cidadãos devem viver, consumir e trabalhar. A ditadura de outrora era visível, palpável, contra a qual se podia lutar, em se tendo coragem, com as armas de que se dispunha. A de hoje é absolutamente sutil, a ponto de se travestir de liberdade de escolha, de democracia. Dos cidadãos foi tirada a possibilidade de decisão sobre consumir ou não: a única liberdade que há é determinada pela capacidade econômica do cidadão em consumir mais ou menos. E se sua capacidade de consumir for pequena, este cidadão será pouco considerado na sociedade, será uma pessoa de menos importância, como se o valor do ser humano pudesse ser medido por sua capacidade de consumo. Nesse sentido, Adorno (2000, p. 175) diz:

[...] um problema que ultrapassa em muito os limites dos sistemas políticos. Nos Estados Unidos, efetivamente, duas exigências diferentes se chocam diretamente: de um lado, o vigoroso individualismo, que não admite preceitos, e de outro lado a idéia da adaptação assumida do darwinismo [...], o ajustamento [...] que imediatamente tolhe e restringe a independência no próprio ato, mesmo de sua proclamação.

Ora, o ajustamento não pode ser aceito se o que se quer é a emancipação das pessoas, a construção de sua autonomia. Então, é preciso criar mecanismos que habilitem o cidadão para a luta contra o conformismo, a adaptação ou o individualismo. A Educação Financeira, objeto desta investigação, quer ser uma possibilidade, uma ferramenta nesta luta para a construção de autonomia. Mas o processo emancipatório não passa apenas por protesto. Adorno (2000, p. 177) diz:

O processo pelo qual nos convertemos em um ser humano autônomo, e portanto emancipado, não reside simplesmente no protesto contra qualquer tipo de autoridade. Investigações empíricas tais como as realizadas nos EUA por minha finada colega Else Frenkel-Brunswick revelaram justamente o contrário, ou seja, que as crianças chamadas comportadas tornaram-se pessoas autônomas e com opiniões próprias antes das crianças refratárias.

O que se torna indispensável, no momento histórico em que vivemos em nosso país, é que se saiba refletir, ponderar, analisar. Não é indispensável se rebelar contra as

autoridades, senão criticar suas atitudes e decidir o que será melhor para mim como ser humano autônomo. Ainda, diz o Adorno (2000, p. 178s.):

[...] as pessoas aceitam com maior ou menor resistência aquilo que a existência dominante apresenta à sua vista e ainda por cima lhes inculca à força, como se aquilo que existe precisasse existir dessa forma. [...] porque há inúmeros adultos que no fundo apenas representam um ser adulto que nunca conseguiram ser totalmente, e assim possivelmente precisam sobre-representar sua identificação com tais modelos, exagerar, encher o peito, bravejar com voz adulta, só para dar credibilidade frente aos outros ao papel mal-sucedido para eles próprios.

A Educação Financeira quer ser, nesse processo de construção da autonomia, uma fonte de ajuda para que a emancipação possa se construir da forma mais ampla possível. Ajudará o indivíduo a ver o mundo e suas relações com mais clareza e o instrumentará para decidir de forma mais segura e emancipada. Neste sentido, concordo com Adorno (2000, p. 180), quando diz:

[...] a emancipação precisa ser acompanhada de uma certa firmeza do eu. [...] A situação atualmente muito requisitada e, reconheço, inevitável, de se adaptar a condições em permanente mudança, em vez de formar um eu firme, relaciona-se, de uma maneira a meu ver muito problemática, com os fenômenos da fraqueza do eu conhecidos pela psicologia. Considero como questão em aberto se isto efetivamente favorece a emancipação em pessoas praticamente desprovidas de uma representação sólida da própria profissão, e que mudam e se adaptam relativamente sem esforço, ou se justamente essas pessoas se revelam como não-emancipadas, na medida em que aos domingos deixam de lado qualquer reflexão nos estádios esportivos.

Não quero, nem creio que Adorno o queira dizer, que grandes manifestações de lazer coletivo sejam totalmente alienantes. O que está em questão é se este lazer embota a capacidade de raciocínio do cidadão e faz com que ele seja um conformado com sua realidade, na medida exata que tem “circo” à disposição para amortecer suas reais mazelas e impedir seu raciocínio crítico e mascarar sua capacidade de decisão. Não se quer dizer que esteja pronta a pessoa que tem capacidade crítica, mesmo porque não conseguimos medir quanto crítico alguém é capaz de ser. Nunca nos poderemos considerar suficientemente esclarecidos, mas num processo da construção de autonomia e num esclarecimento crescente e constante, na medida em que o procuramos. A emancipação, segundo Adorno (2000, p. 181),

[...] não é uma categoria estática, [...] mas dinâmica, como um vir-a-ser e não um ser. Se atualmente ainda podemos afirmar que vivemos numa época de esclarecimento, isto tornou-se muito questionável em face da pressão inimaginável exercida sobre as pessoas, seja simplesmente pela própria organização do mundo, seja num sentido mais amplo, pelo controle planejado até mesmo de toda realidade interior pela indústria cultural.

Buscar essa emancipação não é fácil, como tudo que vai contra a enxurrada que a mídia arrasta atrás de si. Mas, no intuito de formar um indivíduo mais autônomo e consciente de suas responsabilidades para com a sociedade e para com o meio em que vive, há que se incentivar a transposição das barreiras que se impõem. Um dos motivos que, segundo Adorno (2000, p. 181s.), impedem a construção da autonomia é

[...] evidentemente a contradição social; é que a organização social em que vivemos continua sendo heterônoma, isto é, nenhuma pessoa pode existir na sociedade atual realmente conforme suas próprias determinações. [...] O problema propriamente dito da emancipação é se e como a gente – e quem é “a gente”, eis uma grande questão a mais – pode enfrentá-lo.

Ainda que se queira viver autonomamente, há sempre a barreira da coletividade e da organização da sociedade como um todo a ser enfrentada. O objetivo da construção da autonomia não é fazer com que o indivíduo se indisponha com a coletividade que o cerca. O objetivo é que ele seja capaz de ponderar e decidir se o que a coletividade sugere é o melhor para ele como indivíduo ou não. É não permitir ser parte da massa de manobra em favor dos interesses de poucos. Neste sentido, a educação exerce papel fundamental como instrumentalizadora. Oferece os meios pelos quais o aluno poderá refletir e concluir o que será melhor para ele e para o ambiente em que vive: o conhecimento, a ciência, o raciocínio. Assim, diz Adorno (2000, p. 183s.),

[...] a única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contradição e para a resistência. [...] Eu advogaria bastante uma educação do “tornar infecto” .

Aqui, *tornar infecto* quer incentivar a instituição escolar a ser diferenciada. Nela não ocorrerá a seleção por falsos conceitos de talento, mas por uma promoção à superação de obstáculos de qualquer espécie. Numa época em que as relações comerciais são

sobre-valorizadas e que a economia de mercado potencializa as individualidades, como diz Adorno (2000, p. 185):

[...] qualquer tentativa séria de conduzir a sociedade à emancipação é submetida a resistências enormes [...] Prefiro encerrar a conversa sugerindo à atenção dos nossos ouvintes o fenômeno de que, justamente quando é grande a ânsia de transformar, a repressão se torna muito fácil.

Quero concluir este item dizendo que, sem transformações, não há progresso.

A ciência não avança e a humanidade se estagna. É com pessoas corajosas e audazes, que se dedicam à coletividade, que se promovem as grandes mudanças para o progresso das relações humanas.

2.3 Interdisciplinaridade

O que vem a ser interdisciplinaridade? Como é possível trabalhar interdisciplinarmente na escola? Que contribuições as inter-relações das disciplinas podem dar para a efetiva construção da autonomia do aluno? Streck (2005, p. 33) traz mais algumas perguntas e aponta algumas respostas:

Antes de se indicar as contribuições mútuas é importante que se reflita brevemente sobre a idéia da interdisciplinaridade. A complexidade da questão só nos é revelada quando começamos a perguntar se existe uma pedagogia ou se existem pedagogias, se existe uma teologia ou teologias; se ambas as disciplinas podem ser consideradas ciências numa compreensão mais estreita do termo etc.

O Dicionário Houaiss diz que “interdisciplinaridade” tem a ver com a “propriedade de interdisciplinar”, ou seja, “que estabelece relações entre duas ou mais disciplinas ou ramos do conhecimento, que é comum a duas ou mais disciplinas”. Entretanto, ocorre efetivamente interdisciplinaridade em nosso sistema de ensino?

Parece que uma verdadeira interdisciplinaridade, no âmbito da modernidade, seria impossível. O que se tem são indícios, tentativas, caminhos em direção a ela. Streck (2005, p. 34 ss.) descreve alguns pontos, que resumo agora:

1. Estabelecer a própria vida e os problemas que dela emergem como a plataforma de diálogo;
2. Busca de confluências momentâneas;
3. A interdisciplinaridade começa quando se sente os limites de sua própria disciplina;
4. O trabalho integrado é um problema no contexto brasileiro de magistério, cuja formação está mais voltada para a questão docente em que o envolvimento com interdisciplinaridade pode ser considerado um luxo;
5. Deve-se saber que penetrar numa outra disciplina é penetrar numa outra fala. É importante definir, com antecedência os papéis de cada um dos interlocutores. Isso requer esforço e paciência;
6. Escolher os temas sociais mais relevantes com os quais se deseja trabalhar de forma interdisciplinar é de fundamental importância;
7. Há que existir diálogo. Vai haver dificuldades de compreensão, o que faz parte do processo. E é aí que a construção da autonomia do aluno pode ser beneficiada, neste diálogo, que envolve áreas do conhecimento, professores e alunos.

As escolas e os professores brasileiros que trabalham procurando fazê-lo de forma interdisciplinar ainda estão elaborando a idéia e as formas de construir a educação usando esta ferramenta. É preciso ouvir quem assim trabalha e encontrar a forma que se adapta à realidade escolar e social em que estamos inseridos como professores.

Parece que trabalhar de forma interdisciplinar na escola é um imperativo. A sociedade e a vida modernas estão em constante contradição, como diz Lück (2002, p. 25):

[...] ao ligar a TV, enquanto telespectadora, a pessoa recebe a mensagem de que fumar o cigarro da marca X lhe atribui status, charme e até mesmo atração sexual, para em seguida ser informado de que faz mal à saúde. Da mesma forma que, num minuto recebe a estimulação para que compre um produto, no outro, recebe o apelo para economizar, depositando na caderneta de poupança.

As mudanças de apelo e de abordagens são inúmeras e muito rápidas. “Angústia e alienação estão, por conseguinte, face a esse quadro, presentes em nosso dia-a-dia” (Lück, 2002, p. 27). Ao fugir da angústia a pessoa cai na alienação. Para fugir da alienação há que se buscar a reflexão. Esse é o desafio que a educação precisa enfrentar e uma ferramenta para vencê-lo é o trabalho interdisciplinar, que possibilita e fomenta o diálogo. Busca respostas nas vivências das pessoas envolvidas neste processo e avança na medida da troca de idéias e experiências.

Num movimento de aprofundamento do conceito de interdisciplinaridade, Lück (2002, p. 32ss.) diz:

É importante, para tanto, cultivar uma perspectiva e atitude voltadas para a superação de visões de qualquer ordem, sem encobrir ambigüidades e escamotear diferenças. Torna-se necessário, sobretudo, superar a problemática clássica do ensino, qual seja, a de concretização de idéias em ação. [...] Torna-se necessário e possível, nesse quadro da realidade, trabalhar a interdisciplinaridade como um processo que leva em consideração a cultura vigente e a sua transformação, como condição fundamental para que promova os princípios interdisciplinares. [...] Emerge, nesse processo, o desenvolvimento de atitude e consciência de que trabalhando dentro de um sistema de interdisciplinaridade o professor produz conhecimento útil, portanto, interligando teoria e prática, estabelecendo relações entre o conteúdo do ensino e realidade social escolar.

O próprio conceito de interdisciplinaridade está ainda em construção, assim como a educação que se quer realizar e fomentar com o uso dessa ferramenta de trabalho na escola. Mas claro fica que, de qualquer forma, há que se dialogar muito. Entre as áreas do conhecimento, entre os professores e entre os alunos e entre aluno e professor. Cada um tem uma parte de responsabilidade nesse processo de mudança pelo qual a educação passa. E a Educação Financeira vem ser um elo de ligação entre várias áreas do conhecimento, no sentido de fazer com que trabalhem juntas e formem na epistemologia do aluno conceitos capazes de instrumentalizá-lo para a construção de sua autonomia.

Ainda no intuito de clarear o que vem a ser interdisciplinaridade, cito Fazenda (2002, p. 38), quando diz que:

A relação mais antiga ao tema em questão me sugere a volta à velha Grécia, mais especificamente, à Paidéia e, com ela, a possibilidade de revermos uma situação: a de preceptor e discípulo. O preceptor [...] é aquele que ajuda o discípulo a fazer

uma leitura das coisas próprias do conhecimento em geral. O discípulo é aquele que gradativamente é indicado a ampliar essa leitura. Preceptor e discípulo trazem consigo conhecimentos próprios de um e de outro que, ampliados, sintetizam uma proposta eterna de e primeira da educação: Paidéia – hoje posso simplificá-la ou reduzi-la a uma palavra pertencente ao meu universo atual de discurso teórico: parceria.

Aqui o compartilhamento de conhecimentos é de fundamental importância e é só assim que a educação, dentro da perspectiva da interdisciplinaridade, pode andar e se desenvolver e ser construída. É uma parceria entre alguém pouco alfabetizado para as coisas do mundo e alguém que já viveu mais. Ambos aprendem, crescem, por causa do compartilhar de experiências vividas pelos participantes dessa parceria.

Nesta direção, também escreve Kleiman (2003, p. 27):

A fragmentação da formação do cidadão preocupa educadores há algum tempo. Recentes apelos para reforma educacional focalizam a necessidade de se desenvolverem currículos que enfatizem a aprendizagem conceitual e a prática social. [...] Partiram da convicção de que experiências educacionais são mais autênticas e de maior valor para os alunos quando os currículos refletem a vida real, que é multifacetada – em lugar de ser organizada em pacotes de assuntos arrumados. A instrução interdisciplinar aproveita-se de conexões naturais e lógicas que cruzam as áreas de conteúdos e organiza-se ao redor de perguntas, temas, problemas ou projetos, em lugar dos conteúdos restritos aos limites das disciplinas tradicionais.

Parece muito claro que o grande objetivo com a interdisciplinaridade é buscar aproveitar os conhecimentos que o aluno já traz consigo e usá-los como ponto de partida para construir novos conhecimentos sobre os que ele já domina bem. Isso, sem dúvida, consegue catapultar o aluno para mais longe do que se ele começasse apenas de aprender tudo novo, do que ele nunca houvesse ouvido falar nada. Assim, a construção de sua autonomia se torna mais sólida e eficiente. Kleiman (2003, p. 27) ainda diz:

Um enfoque nas relações entre disciplinas deverá encorajar a solução criativa de problemas e a tomada de decisões porque traz para os alunos as perspectivas, conhecimento e a habilidade de coletar dados de todas as disciplinas. Tal processo instrucional também deverá encorajar os alunos a interagirem com seus colegas num grupo de aprendizagem onde a diversidade de pensamento e de cultura é valorizada.

Novamente estamos falando em tomada de decisões. E é aonde se quer chegar: através do compartilhamento de idéias e de experiências, instrumentalizar os alunos a construir, aos poucos, sua autonomia. É a interdisciplinaridade posta em prática. Assim,

quer-se que esse processo de construção de autonomia seja um aprendizado constante que deverá acompanhar toda a vida do aluno não só enquanto for estudante em uma instituição de ensino, mas em toda a sua vida.

2.4 Educação matemática crítica em Ole Skovsmose

Inserida no processo de construir a autonomia do aluno, a Matemática é uma das ciências que também oferece sua grande contribuição. A fim de ajudar o aluno em sua reflexão, surge o movimento da educação matemática crítica. Marcelo C. Borba, no prefácio ao livro “Educação Matemática Crítica” (Ole Skovsmose, 2001, p. 7), escreve:

[...] surgem perguntas como: a quem interessa que a educação matemática seja organizada dessa maneira? Para quem a educação matemática deve estar voltada? Como evitar preconceitos nos processos analisados pela educação matemática que sejam nefastos para grupos de oprimidos como trabalhadores negros, “índios” e mulheres?

As reflexões de Skovsmose têm raízes européias, mas oferecem ponto de partida e subsídios para nossas reflexões no Brasil. Para ele (Skovsmose, 2001, p. 14),

É necessário intensificar a interação entre educação matemática e educação crítica, para que a educação matemática não se degenera em uma das maneiras mais importantes de socializar os estudantes em uma sociedade tecnológica.

O que se busca com a educação crítica é instrumentalizar o aluno para que reflita em sua situação, em sua conduta de aluno e de cidadão que participa de sua sociedade. Valorizar a vida e as relações humanas, mais do que as relações tecnológicas da sociedade de consumo atual. “A educação crítica tem várias fontes de inspiração. Existe uma forte associação com o entendimento de humanismo e sociedade de Karl Marx. [...] As figuras originadoras dessa escola foram Theodor W. Adorno [...]” (Skovsmose, 2001, p. 15).

Para a educação crítica, a relação entre professor e aluno é de fundamental importância. Paulo Freire enfatiza o diálogo com os estudantes. É por meio desse diálogo que os alunos se tornam conjuntamente responsáveis por um processo no qual todos crescem.

Segundo Skovsmose (2001, p. 18), há três pontos-chave da educação crítica:

1. os estudantes têm uma experiência geral, que, no diálogo com o professor, permite-lhes identificar assuntos relevantes para o processo educacional;
2. se uma educação pretende desenvolver uma competência crítica, tal competência não pode ser imposta aos estudantes, deve, sim, ser desenvolvida com base na capacidade já existente;
3. estudantes e professor devem estabelecer uma “distância crítica” do conteúdo da educação.

É a partir da realidade dos alunos que se pode descobrir quais são suas necessidades reais em educação. O professor conseguirá saber quais os anseios dos alunos na medida em que dialoga com eles. Os assuntos relevantes para os alunos é que conferirão importância ao que se faz na sala de aula. Para descobrir quais os assuntos e temas importantes, é preciso que se tenha capacidade crítica e a criticidade só será desenvolvida sobre as capacidades já existentes nos alunos. Mas, para que se consiga ser isento na crítica, é preciso alguma distância daquilo que se quer analisar para criticar. E, para tanto, é preciso conhecer para, então, analisar, criticar e decidir o que é melhor para a realidade de quem critica.

Aqui a educação crítica pode começar a ser abordada como educação matemática crítica. Para que a educação matemática seja crítica, é preciso que a Matemática tenha relações, inter-relações com as pessoas que dela se utilizam. Skovsmose (2001, p. 27) diz:

Ao falar de matemática rica em relações, enfatizo as relações com uma realidade já vivida mais do que com uma realidade falsa, inventada com o único propósito de servir como exemplo de aplicação.

Tudo que se relaciona com o dia-a-dia da Matemática dos alunos é importante. E nada mais corriqueiro do que suas relações com a matemática do consumo e das finanças, bem como a preocupação com os rendimentos do salário no futuro ou preocupações com aposentadoria ou plano de saúde, que são do cotidiano de todos. Mas a escola leva pouco em conta essas reais necessidades de seus alunos. Na verdade, como diz Skovsmose (2001, p. 30s.),

Os conteúdos do currículo são determinados, não primariamente por causas reais [...] porque um currículo estruturalista parece estar de acordo com os interesses econômico e político dominantes: os interesses em uma força de trabalho estável, com habilidades técnicas, e sem consideração por reflexões políticas, humanistas e morais.

Os interesses do capital, da mídia, têm grande força em nossa sociedade. Vender e consumir são grandes máximas da nossa sociedade. O apelo é de que quem consegue consumir é bem sucedido e os outros devem perseguir esse ideal a qualquer custo ou conformarem-se com sua condição inferior. Em alguns casos, a escola colabora para a manutenção deste *status quo*, como diz Skovsmose (2001, p. 31):

Várias investigações indicam que a educação matemática toma parte na reorganização do mundo em volta dos estudantes. Eles desenvolvem uma postura em relação à sociedade tecnológica. Aprendem que algumas pessoas podem gerenciar problemas tecnológicos, e que algumas pessoas não. Conseqüentemente, os estudantes “incapazes” aprendem a ser servis às questões tecnológicas, e servis àqueles que podem gerenciar tais questões.

O que a educação matemática crítica propõem é um novo paradigma: é possível desenvolver no aluno a capacidade de gerenciamento das questões que se lhe apresentem. É possível desenvolver no estudante a capacidade crítica, que possibilitará a paulatina construção de sua autonomia. Assim, o aluno não precisará ser considerado “incapaz”, mas apto a aprender e se desenvolver. Decorre disso que a educação matemática crítica não será a reprodução passiva de relações sociais já existentes e de relações de poder. Uma estratégia que pode ser usada na educação crítica é a tematização. Busca-se um problema de relevância para os alunos, ligado às suas experiências. Assim, como diz Skovsmose (2001, p. 34), “o engajamento dos estudantes na situação-problema e no processo de resolução deveria servir como base para um engajamento político e social (posterior)”.

Optei, nesse trabalho, por abordar aspectos que se ligam aos quatro subtítulos acima. Nas análises das entrevistas feitas com os alunos, procurei identificar categorias que emergiram segundo a construção de autonomia, educação e interdisciplinaridade. A interligação destas máximas da educação como um todo vai perpassar o meu estudo sobre o Projeto de Educação Financeira.

3 Situando a problemática do estudo

3.1 Primeiras considerações

Há uma questão que me incomoda de forma constante na realidade do nosso país: por que as pessoas pagam os juros abusivos que o sistema financeiro impõe aos nossos cidadãos? Fala-se a todo momento, já há anos, em todos os meios de comunicação, a respeito da abusividade dos preços do crédito no Brasil. Apesar de tanto ouvir e até discutir em rodas de amigos, os nossos compatriotas continuam usando o cheque especial com altas taxas de juros ao mês, continuam comprando eletrodomésticos em muitas prestações com juros igualmente altos e resistem a comprar pagando à vista, quando conseguiriam algum desconto nesta modalidade. Não sabem barganhar (negociar, argumentar com o vendedor na hora da compra a fim de conseguir uma compra mais vantajosa). Parece que o brasileiro típico não consegue juntar dinheiro para comprar e, assim, não é capaz de fazer poupança, de investir. Só consegue comprar se alguém financia para ele, mesmo os bens mais baratos e corriqueiros. Hoje se financia até compras de gêneros alimentícios no supermercado!

Além dos aspectos expostos acima, a questão financeira futura não é preocupação geral dos brasileiros. São poucas as pessoas que pensam como viverão na sua velhice, por não verem perspectivas, visto que o sistema previdenciário oficial não oferece condições dignas de vida para quem se aposenta. Na verdade, há uma preocupação, por parte de algumas pessoas, de garantir uma vida melhor na idade avançada e, para isso, pensam em

previdência privada como forma de garantir uma vida financeira mais confortável no futuro. Mas ainda são poucas as que se preocupam com esse aspecto, preferindo usar todos os seus recursos, seus ganhos, no presente, sem guardar nada ou quase nada para o futuro, ou mesmo para uma situação de emergência (até porque a maioria vive com um orçamento exíguo).

A falta de autonomia no âmbito das finanças acaba refletindo uma dependência maior. O brasileiro parece depender sempre de que outros lhe mostrem o caminho a seguir. Aqui a mídia é muito eficaz e está sempre pronta a mostrar um caminho de consumo e se esmera em assumir o papel de formador de opinião, embotando a capacidade de raciocínio e decisão de quem é espectador.

Sabemos que, para um país se desenvolver mais e melhor, algumas prerrogativas precisam ser satisfeitas. Uma educação de qualidade dos seus cidadãos é uma importante medida para o desenvolvimento. Também é importante que se consiga fazer poupança interna a fim de conseguir investir nas diversas áreas de produção, pesquisa, ensino, saúde etc. Mas, para que haja a possibilidade de fazer poupança, é preciso mudar a idéia geral da população de gastar tudo o que tem no bolso, mesmo quando possui algum recurso que poderia poupar. Aqui, estou partindo de uma percepção perfeitamente plausível de que a maioria da população do Brasil realmente não consegue poupar dinheiro para o futuro: parece que o brasileiro prefere pagar, ainda que com recursos disponíveis, sempre suas contas com atraso e juros a planejar o uso do dinheiro de um mês para o outro a fim de pagar contas em dia ou antecipadamente com desconto. Esse controle parece faltar à maioria da população. Até pessoas que podemos considerar bem esclarecidas, com curso superior e bom nível social e econômico, tendem a não conseguir poupar. Literalmente, perdem dinheiro em operações de crédito caras que poderiam ser evitadas se soubessem planejar melhor e programar uma economia mensal visando a uma compra futura, com o poder de barganha da compra à vista.

Tendo em vista as considerações acima e, no intuito de ajudar os alunos a planejarem melhor sua vida financeira, há que se tratar destes problemas na escola. Assim, por meio do processo ensino-aprendizagem, é possível fornecer aos alunos ferramentas que os ajudarão no planejamento consciente e mais autônomo para sua vida futura.

Ajudar na construção da autonomia do aluno não é tarefa simples. Como diz Rubem Alves (2003, p. 27),

Os mestres Zen eram educadores estranhos. Não pretendiam ensinar coisa alguma. O que desejavam era “desensinar”. Avaliações de aprendizagem? Nem pensar. Mas estavam constantemente avaliando a aprendizagem dos seus discípulos. E quando percebiam que a aprendizagem acontecera, eles riam de felicidade... Loucos? Há uma razão na loucura. “Desensinavam” para que os discípulos pudessem ver como nunca tinham visto. Nietzsche dizia que a primeira tarefa da educação é ensinar a ver. Ver é coisa complicada, não é função natural. Precisa ser aprendida.

Aprender a ver e ponderar são ingredientes importantes na construção da autonomia do aluno.

3.2 Descrição do Projeto de Educação Financeira

O Projeto de Educação Financeira existe no Instituto de Educação Ivoti, em Ivoti, Rio Grande do Sul, desde 2002. A instituição faz parte da Rede Sinodal de Educação, entidade ligada à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). É formado por um grupo de professores de Matemática, Ética, História, Geografia e Informática. O público alvo são os alunos do ensino médio/normal. As aulas ocorrem em turno inverso ao das aulas regulares e os alunos se inscrevem espontaneamente.

No andamento do Projeto, os alunos são incentivados a fazer pesquisa/levantamento de dados junto às suas famílias quanto ao orçamento doméstico, quanto gastam com água, luz, telefone, escola, automóvel, financiamentos etc., colocar tais

dados em porcentagem da renda familiar e comparar dados entre os colegas. Com base nas comparações, é possível tentar otimizar, de forma hipotética, o uso do dinheiro de cada família. Cada área tenta ajudar a outra com subsídios. O professor de História, por exemplo, trabalha, junto com as idéias da Matemática de ganho/perda/lucro/otimização de recursos, as idéias do capitalismo, socialismo, cooperativismo. O objetivo do projeto é criar condições para que os estudantes, independente da idade, possam refletir a respeito da responsabilidade de cada um no planejamento e administração econômica, aprendendo a dar importância ao hábito de economizar, gerando consciência de investimentos em qualidade de vida.

A Educação Financeira introduz no currículo um conjunto de temas que possibilitam ao adolescente o acesso a uma área que culturalmente faz parte do “mundo adulto”. Visa também à formação de uma consciência ética e social no ganho e uso do dinheiro. O planejamento dos gastos familiares e individuais reverte em qualidade de vida. Assim, tenta-se combater a idéia imediatista na gestão dos recursos financeiros.

No desenvolvimento do Projeto são abordados conteúdos de contextualização histórica da economia brasileira, linguagem comercial, matemática financeira (juros e porcentagem), legislação econômica, aplicações financeiras. Outros focos bem claros são poupança, produtos bancários (seguros, cartões, cheque especial etc.), orçamento familiar, aposentadoria, planos de previdência, responsabilidade econômica e social, ética na economia, expectativa e qualidade de vida, emprego, qualificação profissional, funcionamento de instituições financeiras, inflação e outros assuntos que possam aparecer do interesse dos alunos.

3.3 Metodologia da pesquisa

A pesquisa foi preponderantemente qualitativa, efetivada sobre análise de conteúdos de entrevistas realizadas com os alunos, a partir de perguntas construídas em instrumento de coleta elaborado especificamente para esse fim (ver item 2.3.4). Os participantes do Projeto de Educação Financeira contam suas experiências e quais mudanças o projeto motiva em suas vidas. Os depoimentos foram gravados em áudio e transcritos para análise (transcrições encontram-se, na íntegra, nos anexos deste trabalho). A abordagem será narrativa, no sentido de entender as mudanças. A investigação é qualitativa. Proceder-se-á a análise de conteúdos.

3.3.1 Sujeitos da pesquisa

As entrevistas foram realizadas com alunos do Projeto de Educação Financeira da turma de 2004, alunos da 2ª série do curso médio, no início de dezembro de 2004, no ambiente escolar. A turma de 2004 era composta de 35 alunos. As entrevistas foram individuais, feitas com cinco alunos, dois meninos e três meninas, voluntários que se ofereceram para participar da investigação. Optei por voluntários na expectativa de depoimentos livres de quaisquer coações ou coerções.

3.3.2 Instrumentos e indicadores

As questões de pesquisa visam a conhecer a realidade dos alunos envolvidos e entender suas individualidades e também o contexto de suas famílias. No momento inicial da entrevista, foi explicado aos alunos que o objetivo era conhecer suas idéias e suas condutas a

respeito de finanças. As perguntas foram lançadas todas de uma vez e sugerido que o aluno falasse do que achasse importante. Nos casos em que o aluno não conseguia evoluir muito na sua argumentação, eu intervinha com novas perguntas para que ele pudesse expressar sua reflexão e expor suas idéias.

3.3.3 Metodologia de análise

Fiz uma análise textual qualitativa. Este processo está constituído por um ciclo envolvendo três elementos: unitarização, categorização e comunicação. Conforme Moraes (2003, p. 192),

[...] a pesquisa qualitativa pretende aprofundar a compreensão dos fenômenos que investiga a partir de uma análise rigorosa e criteriosa desse tipo de informação, isto é, não pretende testar hipóteses para comprová-las ou refutá-las ao final da pesquisa; a intenção é a compreensão.

O primeiro foco do ciclo é a **unitarização**. O texto é desmontado e os materiais são analisados em detalhes. Os fragmentos evidenciam as unidades constituintes, que enunciarão os fenômenos estudados.

O segundo passo nesse processo é a **categorização**, que implica em construir relações entre as unidades de base, combinando-as e classificando-as no sentido de compreender como esses elementos unitários podem ser reunidos na formação de conjuntos mais complexos, as categorias.

A **comunicação**, terceiro elemento, é o resultado de uma compreensão renovada do todo. Este é o último ciclo do processo, resultante da intensa impregnação dos materiais da análise desencadeada pelos dois estágios anteriores. Aqui, lançarei mão, além das falas dos alunos entrevistados, da argumentação fundamentada nos pressupostos teóricos desta pesquisa, que pretendem corroborar os relatos dos alunos.

3.3.4 Atividades para a coleta de dados

Os dados desta investigação foram obtidos por meio de entrevistas que continham perguntas do tipo:

- Por que você resolveu participar deste projeto?
- Como o Projeto ajudou na formação da sua capacidade de compreender a administração dos recursos familiares?
- Que mudanças a Educação Financeira provocou na sua forma e de sua família lidar com a administração dos seus recursos (econômicos, intelectuais, de tempo etc.)?
- De que forma este Projeto o ajudou a entender os problemas financeiros familiares?
- Como sua família participou e acompanhou este Projeto?

3.4 Objetivos da pesquisa

3.4.1 Objetivo geral

Com esta pesquisa, busquei conhecer a forma de se trabalhar no sentido de educar a nossa população para valorizar melhor seu próprio dinheiro e administrar melhor sua vida financeira. Quis saber como, com um melhor planejamento através de uma educação financeira, é possível viver, sob o aspecto financeiro/orçamentário, melhor e chegar a ter autonomia econômica. Por conseguinte, quis saber como, com a Educação Financeira, é possível construir mais autonomia de forma geral na vida das pessoas entrevistadas.

Portanto, o objetivo da pesquisa é analisar que mudanças o planejamento financeiro familiar através de um Projeto de Educação Financeira com vistas a um

gerenciamento dos recursos que otimiza a distribuição orçamentária e minimiza a dependência dos encargos do nosso sistema financeiro proporcionou a seus participantes e como ajudou na construção de sua autonomia.

3.4.2 Objetivos específicos

Neste Projeto de Educação Financeira, os alunos se inscrevem espontaneamente. Há alguma coisa que os atrai, já que não se trata de disciplina obrigatória. O objetivo é verificar se a participação no Projeto de Educação Financeira abriu os horizontes dos jovens, construindo com eles uma nova forma de lidar com os recursos financeiros. A pesquisa visa a verificar se, buscando a sua emancipação econômica e, por conseguinte, fornecendo subsídios, ferramentas para a construção de autonomia de uma forma geral, houve auxílio na construção da autonomia dos alunos. Nesse sentido, algumas perguntas são pertinentes à pesquisa:

- Como uma Educação Financeira pode ajudar no processo educativo geral dos alunos?
- De que forma a Educação Financeira colabora para o desenvolvimento de um indivíduo mais autônomo, capaz de tomar as melhores decisões no campo econômico-financeiro?
- Que mudanças comportamentais um Projeto de Educação Financeira é capaz de proporcionar aos alunos que dele fazem parte?

4 Análise dos dados – categorias emergentes das entrevistas

Foram realizadas entrevistas individuais, gravadas em áudio, com cinco alunos (de um universo de 35) participantes do Projeto de Educação Financeira com o intuito de entender melhor as suas realidades, suas pré-concepções quanto ao Projeto, suas expectativas e quais mudanças se implementaram após a participação no processo do Projeto de Educação Financeira. Entretanto, apesar de vários cuidados para não haver problemas quanto aos dados, tais como, não usar baterias no gravador, mas ligá-lo na corrente elétrica para evitar distorções, ou usar fitas novas para evitar risco de má qualidade na gravação, houve problema. Das cinco entrevistas, uma ficou completamente ininteligível. Como as entrevistas foram feitas em dezembro, na última semana de aula, no intuito de registrar as últimas impressões dos alunos, não foi possível refazê-la, já que os alunos entraram em férias. Uma nova entrevista no ano letivo seguinte foi evitada a fim de não criar uma situação artificial em que muitas lembranças do aluno já não estariam presentes. Fiquei, então, com as quatro restantes, sobre as quais elaborei a análise. As transcrições das entrevistas, na íntegra, encontram-se nos anexos deste trabalho.

Da análise dos seus depoimentos, emergiram as categorias que se seguem. Inicialmente, identifiquei quatro: Educação, Emancipação, Interdisciplinaridade e Construção de Autonomia. Entretanto, durante o processo de análise, revisão do texto e leituras, cheguei à conclusão de que Emancipação e Construção de Autonomia podiam ser abordadas em uma categoria única.

Há dois tipos de citações que aparecerão no texto que se segue, ambas em itálico. As citações que não estão identificadas com fonte são dos alunos entrevistados. As citações identificadas são de autores que embasam minhas considerações. Algumas citações de alunos podem se repetir, no todo ou em parte, já que sua argumentação pode embasar mais de uma categoria.

4.1 Educação

Várias foram as citações dos alunos que sugeriram a inclusão do termo “Educação” como uma das categorias emergentes de suas falas nas entrevistas. “A Escola em que estudo oferece várias possibilidades de disciplinas além das matérias regulares. São as chamadas disciplinas facultativas, nas quais o aluno se matricula se tiver interesse no conteúdo/programa da disciplina.” Aqui já se evidencia um aspecto da Educação oferecido pela Instituição: o aluno precisa decidir-se por qual caminho seguir, já que se oferecem muitas possibilidades de formação. Um dos entrevistados diz:

O Projeto de Educação Financeira (oferecido como disciplina facultativa) tinha seus encontros marcados para o mesmo horário das aulas de alemão, disciplina já tradicional de nossa Escola e do estudo de quem mora na região em que a Instituição está localizada.

Conforme Adorno (2000, p. 169), “a democracia repousa na formação da vontade de cada um em participar”. A Educação, neste sentido, será para o contraditório ao *status-quo*, para o questionamento.

Outro aluno entrevistado diz que

[...] a Educação Financeira [me] ajuda a administrar melhor em várias áreas da minha vida. A participação no Projeto mudou um pouco meus hábitos de olhar para frente. Era algo que eu já fazia, mas sem muita organização. Eu não sabia se o que estava fazendo era o melhor para mim mesmo.

A educação financeira quer provocar uma mudança de comportamento do indivíduo frente às suas relações com os recursos financeiros de que dispõe para viver. Já há

condições pré-estabelecidas para que isso ocorra, cabendo apenas ao mediador possibilitar que o aluno as veja, que conheça melhor e faça suas escolhas conscientemente.

“Quero dar aulas de Matemática. Não necessariamente quero trabalhar com finanças, mas com Matemática.” Nesta fala podemos identificar o processo educativo no qual o aluno busca sua identidade profissional. A participação no processo do Projeto de Educação Financeira pode catalisar o levantamento de perguntas e suas conseqüentes respostas na vida acadêmica do aluno.

“Participar do Projeto me deu ferramentas para me tornar mais seguro e confiante no que estava fazendo para meu futuro. Isso veio ao encontro do que eu buscava, mas não tinha de forma clara em minha cabeça.” O processo educativo se evidencia quando traz luz às visões do aluno, quando o ajuda a encontrar os caminhos que o levarão à vida adulta mais preparado para suas escolhas futuras. Freire (2003, p. 77) diz

[...] que o mundo não é. O mundo está sendo.[...] meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da história mas seu sujeito igualmente .

A Educação aqui proposta é crítica, não só de análise ou constatação. O processo pelo qual os alunos estão passando modificará suas visões de mundo, suas relações com a economia e com o dinheiro e suas tomadas de decisões.

Na interpretação de outro aluno entrevistado, “[...] é muito válido o Projeto de Educação Financeira. Muitas coisas em relação a compras, consumo, vejo agora de outra forma, depois de ter participado do Projeto.” Skovsmose (2001, p. 7) diz que “se preocupa fundamentalmente com os aspectos políticos da educação matemática. [...] a quem interessa que a educação matemática seja organizada desta maneira?”

Na fala a seguir pode-se identificar um processo educativo ocorrendo durante a participação do aluno no Projeto de Educação Financeira:

[...] eu acho que é importante saber lidar com dinheiro [de forma a não desperdiçá-lo]. Antes de participar do Projeto eu tinha bastante dificuldade em lidar com assuntos relacionados a finanças. Eu não entendia muito de bolsa de valores,

correção monetária, eu não sabia nada sobre esses assuntos. Agora eu já consigo entender do que se está falando e para que serve.

Para educar financeiramente, não basta trabalhar só com números e finanças, como se pode ver no depoimento a seguir:

Achei muito interessante a parte da História que trabalhamos no início do Projeto. Foi importante, dentro da idéia de Educação Financeira, conhecer como surgiram e evoluíram as moedas, que moedas o nosso país já teve, quando e porque mudaram.

O aluno se sente orientado, há agora uma base mais sólida sobre a qual ele conseguirá construir suas concepções futuras de finanças e administração de sua vida econômica. Outro aluno diz que “a História também me chamou muito a atenção, pois pude compreender muitos dos porquês de como funcionam a economia e as finanças em nosso país e no mundo.”

Freire (2003, p. 30) diz:

[...] por que não discutir com os alunos a realidade concreta que se deva associar à disciplina cujo conteúdo se ensina? [...] Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?

Se quisermos desenvolver a capacidade de tomar decisões importantes nos alunos, é preciso ajudá-los a ser críticos. E isso só será possível se eles souberem analisar acontecimentos, apreendê-los e tirar conclusões que o ajudem a opinar em sua vida presente. A consciência da necessidade de ser crítico aparece na fala seguinte: “de todos esses conteúdos já mencionados (de História e Matemática), eu já tinha ouvido algo, ou mesmo visto em aula, mas com pouca profundidade.” A análise crítica quer ajudar esse aluno a ser capaz de decidir em assuntos de finanças levando em conta sua realidade e os conhecimentos que ele já possui.

O aluno constrói sua capacidade de planejar, como fica claro na fala a seguir: “Agora eu estou convencido de que realmente é importante e indispensável pensar no futuro enquanto ele ainda não chegou e podemos tomar providências para que ele seja bom.” Nessa

fala identifica-se claramente o processo de educação ocorrendo, em que o aluno reconhece a necessidade de planejar sua vida para que ela seja mais agradável.

Outro aluno diz:

Acho que o principal conteúdo que aprendi no Projeto é administrar minha vida e meus recursos de forma a fazer o melhor para mim. Eu, particularmente, gosto muito de História, leio muito sobre isso. Entender como as relações econômicas se desenvolveram ao longo dos tempos me fez entender melhor a realidade atual. Pude compreender o porquê de estarmos na situação econômica em que estamos hoje, o que, para mim, antes, parecia um pouco sem nexos.

Skovsmose (2001, p. 10) argumenta que “[...] se pode educar o ser humano a ser democrático e que a educação matemática tem um importante papel a desempenhar, na medida em que é a “porta de entrada” para uma sociedade cada vez mais impregnada pela tecnologia”. Assim, preparamos os nossos alunos para a vida e para a tomada consciente e responsável de decisões em sua vida.

Observem-se as falas seguintes:

Aprendemos a calcular os juros em um financiamento, por exemplo, o que eu não sabia fazer antes. Aprendi a comparar e ver o que sai mais barato. Aprendi a avaliar e tirar conclusões sobre o que é mais vantajoso para mim, no caso de comprar pagando a vista ou financiando ou guardando o dinheiro para comprar mais tarde.

e

Prefiro, às vezes, guardar para comprar algo de mais valor no futuro a gastar hoje e não planejar nada, desperdiçando meus recursos em supérfluos que serão de muito pouca utilidade para a melhora da qualidade de minha vida.

E ainda:

Sou até crítica: analiso se realmente precisava ter gasto dinheiro nas compras que fiz ou em alguma atividade de lazer em que gastei meus recursos. Analiso se realmente o que foi gasto se justificou e se foi positivo para mim. Às vezes chego à conclusão que gastei uma soma em algo que não valeu a pena. Já sei para a próxima vez. Acho que isso me ajuda a me formar para uma futura administração de minhas finanças quando estiver trabalhando.

As três falas acima corroboram a idéia de que a Educação Financeira é uma forma importante de contribuição para a Educação Geral dos alunos.

Outro aluno diz:

Eu também conversei algumas vezes com minha família sobre os conteúdos do Projeto de Educação Financeira. Eles perguntavam o que era isso, Educação Financeira. Eu respondi que se tratava de preparar a gente para planejar melhor os gastos. O planejamento é o que seria o diferencial para fazer render mais os nossos recursos financeiros.

E outro,

Entre os colegas da minha turma que não fizeram o Projeto, conversávamos algumas vezes sobre o gasto do dinheiro. Parece que a maioria deles não pensava em planejamento e não tinham idéia de que dá para planejar e isso nem é tão difícil assim. Seria importante que todos [os colegas] pudessem participar do Projeto para aprenderem a lidar melhor com os seus recursos financeiros.

Conforme Moretto (2002, p. 20s.), “[...] os conhecimentos são construídos [...] socialmente para dar sentido às experiências vividas por indivíduos de certa sociedade [...] e permitirão a construção de novos conhecimentos, os quais serão instituídos e legitimados pelas novas gerações”. Assim, a Educação que aqui se desenvolve não é individual, senão distribuída também entre os familiares dos alunos e também entre os colegas que nem participaram do Projeto.

Depois de ter participado do Projeto de Educação Financeira, minha relação com as finanças mudou. O uso mais responsável do dinheiro e de nossos recursos, não só financeiros, mas também os intelectuais, era a tônica que integrava todas as nossas aulas. O conteúdo matemático trabalhado no Projeto também me ajudou a compreender melhor o uso da Matemática em sala de aula, aproximou a matéria da minha realidade.

Eu anoto os meus gastos hoje. Meus pais gostaram desta minha nova forma de organizar minhas despesas e o que eu ganho. Antes de participar do Projeto eu já tinha alguma organização nas minhas finanças, mas agora acho que me organizo melhor, planejo, faço isso com mais clareza.

As duas falas acima caracterizam um significativo processo de educação, em que os alunos são capazes de analisar suas atitudes antes e depois de passarem pelo Projeto de Educação Financeira. A socialização que aqui se instala também é sintomática de que a educação se consolida e se valoriza por meio do Projeto.

Algumas coisas do que víamos aqui no Projeto eu discutia em casa com meus pais. Meu pai já paga previdência privada por estar convicto da necessidade de fazer isso. [...] Por exemplo, taxa de juros, seu uso para fazer cálculos de prestações em financiamentos de bens maiores como automóvel ou simplesmente a compra de

eletrodomésticos em prestações. Descobrimos, juntos, que seria mais vantajoso juntar o dinheiro por alguns meses, deixando de gastar em bobagens enquanto estávamos planejando comprar algo de maior valor a comprar a prestação e gastar muito mais.

Com base na fala acima, podemos ver como foi importante a participação no Projeto, inclusive na Educação da família do aluno, para a sua Educação e formação como base para o planejamento de vida financeira. Conforme Freitas (2002, p. 101s.),

A aprendizagem escolar nunca parte do zero, pois antes de seu ingresso na escola, a criança vive uma série de experiências. [...] Essa aprendizagem pré-escolar refere-se aos conceitos espontâneos que são formados pela criança em sua experiência cotidiana, no contato com as pessoas de seu meio, de sua cultura, em confronto com uma situação concreta.

A citação acima corrobora a idéia do Projeto de Educação Financeira, que quer aproveitar as experiências que os alunos trazem de suas famílias e de suas vivências em outros ambientes em que convivem. Essas experiências serão o trampolim para a Educação que se quer ver neles desenvolvida. Os contatos espontâneos serão a base para o desenvolvimento e o incentivo para que o aprendizado realmente ocorra partindo de temas e assuntos que sejam de seu interesse direto. Assim, a atenção e o esforço dos alunos será maior com os conteúdos e a Educação se fará de maneira mais eficaz.

Veja-se o depoimento abaixo:

Achei muito importante a mistura de matérias do Projeto de Educação Financeira. Quando comecei, no início do ano, até pensei que trabalharíamos só com conteúdos de matemática ou de administração. Mas foi muito interessante ver aspectos de história do dinheiro, probabilidades na matemática. Clareou os meus conceitos sobre o uso dos recursos financeiros. O fato de receber um certificado de participação no final do ano também foi muito legal, valoriza o que nós fizemos durante os nossos encontros. O que aprendi vou poder usar no meu dia-a-dia, às vezes, até, sem me dar conta ou ter que refletir sobre o que deveria fazer em tal situação.

E ainda o de outro aluno:

A parte da história que tratou sobre comércio e as relações econômicas foi bastante importante. Foi interessante termos trabalhado as várias áreas aqui no Projeto de Educação Financeira. Matemática, Ética, História e Informática se combinaram muito bem. Não é preciso ficar trabalhando somente de um jeito. Aqui pudemos ver que todas estas áreas se completam e se comunicam muito bem. Uma oferece ajuda para a outra. Por exemplo, usamos os conhecimentos de Informática para fazer projeções de investimentos para o futuro, usando também os conhecimentos

matemáticos e a ferramenta computador. Essa mistura torna o trabalho mais abrangente e atrai mais os alunos para participar. Evita a monotonia. É uma forma diferente e interessante de ver um conteúdo para o qual todos faziam uma cara de desprezo.

Como dito acima por um dos alunos, a “mistura de matérias” (Matemática, Informática, História e Ética) foi extremamente oportuna na condução desse processo que aqui chamo de Educação. Realmente houve um grande progresso na argumentação dos alunos em temas que, eles mesmos atestam, não dominavam antes de participar do Projeto.

Analise-se mais uma fala significativa de um dos entrevistados:

Ter passado por dois trimestres conversando com colegas, professores, assistindo palestras e refletindo sobre a administração dos meus recursos já nos prepara para a vida e facilita a tomada de decisões. Antes eu não tinha a visão que tenho hoje, que considero mais clara. Assuntos como conta bancária, cartão de crédito, seguro, eu só ouvia falar em casa, por meus pais. Mas não conhecia a fundo, não sabia ao certo para que servia e como lidar com esses “produtos”. Impostos e bolsa de valores, então, eram coisas muito distantes. Só ouvia nos noticiários da TV ou via nos jornais, mas nunca havia prestado atenção ou tinha tentado entender do que, realmente, se tratava. Agora, quando eu precisar lidar com bancos, já estou mais esclarecida sobre o funcionamento. Por exemplo, juros do cheque especial, cartão de crédito, impostos do governo e tarifas que a gente paga como cidadão.

Aqui o aluno enfatiza a importância do diálogo, da conversa, da troca de idéias com seus pares, com o professor e com sua própria família. Conforme Freitas (2002, p. 104),

Vygotsky elaborou o conceito de zona de desenvolvimento proximal, estimulando processos internos maturacionais que terminam por se efetivar, passando a constituir a base para novas aprendizagens. Ao atender a esse princípio, a escola estará dirigindo a criança para aquilo que ela ainda não é capaz de fazer, centrando-se na direção das potencialidades a serem desenvolvidas.

Há os conhecimentos que o aluno já traz de sua vida familiar, de sua vida com seus colegas e amigos. Próximo a esse conhecimento prévio, é possível desenvolver conhecimentos maiores, aumentando seu leque de visão sobre a vida e como administrá-la. Usando dos conhecimentos que o aluno traz consigo, se constrói, sobre sua própria base, os novos conhecimentos que o ajudarão no seu dia-a-dia. Assim, a Escola está contribuindo decisivamente para o desenvolvimento das potencialidades do aluno que participa do Projeto de Educação Financeira.

Como fechamento desta categoria, Educação, cito as falas de dois alunos:

Foi interessante ver como se calculam juros, rendimento de caderneta de poupança, descontos. Eu só conhecia estes cálculos de ouvir falar, pois não fazia parte do meu dia-a-dia. Nunca tinha trabalhado com estas contas. Foi diferente e interessante para mim. Quando estávamos trabalhando com os conteúdos de investimentos e poupança eu falava com meus familiares e foi legal trocar idéias com eles. Para mim foi muito bom participar do Projeto. Eu não dava muita importância ao controle do dinheiro, eu não tinha preocupações de economizar. Agora tenho essa consciência criada em mim. Eu sou impulsiva com o gasto do dinheiro, compro por estímulo, sem pensar muito no futuro. O Projeto me ajudou a [me] controlar um pouco mais. Até consigo poupar um pouquinho agora.

E ainda:

Paramos para pensar: o que é mais vantajoso para nós, agora, do ponto de vista econômico? Antes até a gente já planejava em conjunto, mas agora acho que isso foi reforçado, a gente vê que é possível pensar assim e que não é preciso sempre comprar só porque há recursos “sobrando”.

Quero lembrar o importante papel desempenhado pelo professor na elaboração de todo o processo que se desenrolou neste Projeto de Educação Financeira. Como diz Matui (1998, p. 189),

[...] o papel de mediação atribuído ao professor vem resgatar a figura desse profissional, atualmente muito desgastada na sociedade. ... O professor é representante do movimento de mudança social e das grandes aspirações da humanidade. [...] A sala de aula é um microcosmo que reproduz as relações sociais; através delas, o aluno entra em interação com o objeto de conhecimento, juntamente com os colegas e o professor.

Houve incentivo ao uso da dialética, da crítica e da reelaboração de conhecimentos trazidos com os alunos. O enriquecimento na capacidade de reflexão dos alunos é evidente, como se pode notar por meio de suas falas.

4.2 Interdisciplinaridade

O Projeto de Educação Financeira trabalha com os conceitos desenvolvidos em quatro matérias, mas de forma interligada. Os professores não tratam somente de sua disciplina, mas trabalham os conteúdos de forma integrada. Assim, pude identificar, nas falas dos alunos entrevistados, o reconhecimento dessa interligação, que chamo de interdisciplinaridade.

Depois das aulas iniciais de História, tivemos algumas aulas de Matemática, com conteúdos específicos que se ligam às finanças, como proporções, por exemplo. Também trabalhamos com os juros, para que servem e qual é o seu mecanismo de cálculo. Pudemos ver mais detalhadamente no Projeto. Conseguimos fazer ligações entre as matérias de História e Matemática. Para entender, por exemplo, como se calculam os juros sobre um capital emprestado, é preciso compreender algumas fundamentações históricas de propriedade e poder.

Na fala acima, fica caracterizado o processo da interdisciplinaridade, quando, num primeiro comentário, o aluno diz das ligações que conseguiu fazer entre duas matérias aparentemente disjuntas e independentes, como História e Matemática. É sintomático quando o aluno diz que, para compreender a forma de calcular os juros, é necessário compreender algumas razões históricas. Coube ao professor que dirigiu os trabalhos durante o Projeto a tarefa de despertar no aluno a curiosidade e a perspicácia para estabelecer ligações entre os temas e as disciplinas abordadas. Como diz Fazenda (2002, p. 38),

O preceptor é aquele que ajuda o discípulo a fazer a leitura das coisas próprias do conhecimento em geral. [...] Há uma troca e, nessa troca, ambos, preceptor e discípulo, evoluem, possibilitando a construção de novos conhecimentos.

Quando o professor trabalha, na execução da tarefa de auxiliar o aluno a fazer ligações entre conteúdos e construir seu conhecimento, ele também cresce, evolui.

Outro aluno diz:

Eu já via o Projeto com olhos um pouco diferentes do que meus colegas no início das aulas porque já leio bastante sobre finanças: esse assunto me interessa. Tenho assinatura de revistas e leio sobre economia, política. A participação no Projeto mudou um pouco meus hábitos de olhar para frente. Era algo que eu já fazia, mas sem muita organização. Eu não sabia se o que estava fazendo era o melhor para mim mesmo. Mas fazer o melhor para mim não significa deixar de lado a Ética. Conversamos também sobre ter o cuidado de não prejudicar os outros. Preciso usar meus recursos e ganhá-los sem prejudicar a ninguém, nenhum colega.

O aluno citado acima já tem desenvolvida a capacidade de mesclar e interligar assuntos, como Economia e Política. Também aparece a interdisciplinaridade quando ele fala de Ética na gestão de seus recursos.

Kleiman (2003, p. 22) fala sobre a necessidade de interligar assuntos, no sentido de evitar a fragmentação do ser humano e de seu conhecimento. Vejamos:

Transversalidade e interdisciplinaridade são conceitos inseparáveis, pois alimentam-se, mutuamente. A interdisciplinaridade questiona a fragmentação e a

linearidade do conhecimento; a transversalidade questiona a alienação e o individualismo no conhecimento.

O conhecimento não pode ser concebido de forma linear. Sua construção apresenta meandros que precisam ser esquadrinhados e a interdisciplinaridade se presta bem a esse esquadrinhamento. Assim, o aluno consegue crescer em grupo e em diversas áreas concomitantemente.

A interdisciplinaridade também ajuda o aluno a exercitar sua capacidade de tomar decisões, como transparece na fala a seguir:

Aprendemos a calcular os juros em um financiamento, por exemplo, o que eu não sabia fazer antes. Aprendi a comparar e ver o que sai mais barato. Aprendi a avaliar e tirar conclusões sobre o que é mais vantajoso para mim, no caso de comprar pagando a vista ou financiando ou guardando o dinheiro para comprar mais tarde.

Outro aluno, referindo-se à Ética na gestão de seus recursos, diz:

A concorrência feroz que há no mercado de trabalho hoje parece pregar o contrário [no sentido de se preocupar em viver com Ética], mas preciso achar um meio termo para não atrapalhar os outros e também não permitir que a enxurrada da mesmice me leve junto para uma vala comum.

A fala do aluno acima, corrobora o que diz Kleiman (2003, p. 22s.):

É preciso [...] posicionar-se em relação às questões sociais e interpretar a tarefa educativa como uma intervenção na realidade no momento presente. Essa diretriz, para nós, implica necessariamente muito mais que a assimilação ou recepção de informações, até porque a quantidade de informações que estão disponíveis hoje ao cidadão é tal que seu uso se torna impossível se ele não conseguir integrá-las em redes significativas que ele próprio deve aprender a organizar.

Para que haja construção de autonomia, que é um dos grandes objetivos da formação escolar, é preciso que o aluno também consiga integrar os seus conhecimentos. Essa é a tarefa de que a interdisciplinaridade desenvolvida no Projeto de Educação Financeira se incumbem. E dela dá conta de forma eficiente.

O depoimento a seguir deixa claro que os alunos se sentem bem com a interligação entre as disciplinas e desse processo tiram bom proveito para sua formação:

Achei que integrar o Projeto com disciplinas que pareciam não ter muito em comum como História, Matemática, Informática, Ética, foi muito interessante. Uma completava a outra. As aulas não foram estanques, onde cada conteúdo se encerra em si, como ainda é muito comum na escola. Em vez disso, como se tem tentado introduzir nas Escolas modernas, os conteúdos se misturaram, fazendo com que possamos entender o que vem a ser interdisciplinaridade. Essa integração entre as disciplinas proporcionou acréscimos agradáveis de trabalhar, fazendo com que as

aulas/encontros fluíssem de forma prazerosa. Todas as disciplinas trabalharam em torno do tema finanças. O uso mais responsável do dinheiro e de nossos recursos, não só financeiros, mas também os intelectuais, eram a tônica que integrava todas as nossas aulas.

Identifico no depoimento acima um aluno com um grau de amadurecimento considerável. Ele tem consciência de que a Escola precisa proporcionar esta interdisciplinaridade e que, da modernidade, fazem parte a capacidade de interrelacionar assuntos e conhecimentos, bem como a necessidade de cooperação entre as diversas áreas do conhecimento. Ele reconhece que, quando as aulas não estão compartimentadas em seus nichos próprios, mas se integram e se ajudam, se complementam, os alunos podem crescer mais e aprender a fazer relações entre várias áreas de suas vidas.

Segundo Morin (2002, p. 55),

Cabe à educação do futuro cuidar para que a idéia de unidade da espécie humana não apague a idéia de diversidade e que a sua diversidade não apague a da unidade. [...] Compreender o humano é compreender sua unidade na diversidade, sua diversidade na unidade.

A dialética que há entre a unidade e a diversidade está sendo explorada de forma agradável e oportuna no desenvolvimento do Projeto de Educação Financeira, provocando nos alunos uma curiosidade para compreender melhor o funcionamento da sociedade. Assim, a interdisciplinaridade contribui de forma decisiva na formação de uma personalidade autônoma no aluno.

Os depoimentos de dois alunos a seguir falam claramente da importância de estudar História para entender melhor e fazer ligações entre ela e outras áreas do conhecimento.

Eu, particularmente, gosto muito de História, leio muito sobre isso. Entender como as relações econômicas se desenvolveram ao longo dos tempos me fez entender melhor a realidade atual.

A História também me chamou muito a atenção, pois pude compreender muitos dos porquês de como funcionam a economia e as finanças em nosso país e no mundo.

Aqui fica clara a consciência dos alunos de que é preciso conhecer as fontes, as origens dos fatos para poder melhor entendê-los e se transformar em agente da História, não apenas um espectador. Pode-se novamente recorrer a Morin (2002, p. 41):

De fato, a hiperespecialização (aquela que se fecha sobre si mesma, sem permitir sua integração na problemática global ou na concepção de conjunto do objeto do qual ela só considera um aspecto ou uma parte) impede tanto a percepção do global (que ela fragmenta em parcelas), quanto do essencial (que ela dissolve). Impede até mesmo tratar corretamente os problemas particulares, que só podem ser propostos ou pensados em seu contexto. Entretanto, os problemas essenciais nunca são parcelados e os problemas globais são cada vez mais essenciais.

Assim, vê-se que só é possível tratar dos problemas particulares se forem pensados em seu contexto e, para entender o contexto, há que se compreender o conjunto de parcelas que o constituem. Trabalhando na integração de partes entre si, o Projeto de Educação Financeira está instrumentalizando o aluno para tratar seus problemas futuros do cotidiano, de maneira que estará mais apto para juntar as partes e melhor entender o todo e tomar decisões com mais rapidez e mais segurança.

Mais alguns depoimentos abaixo corroboram a necessidade da integração entre os conteúdos, interdisciplinando os conhecimentos e proporcionando novos paradigmas na formação dos alunos.

Achei muito importante a mistura de matérias do Projeto de Educação Financeira. Quando comecei, no início do ano, até pensei que trabalharíamos só com conteúdos de matemática ou de administração. Mas foi muito interessante ver aspectos de história do dinheiro, probabilidades na matemática.

A parte da História que tratou sobre comércio e as relações econômicas foi bastante importante. Foi interessante termos trabalhado as várias áreas aqui no Projeto de Educação Financeira. Matemática, Ética, História e Informática se combinaram muito bem. Não é preciso ficar trabalhando somente de um jeito. Aqui pudemos ver que todas estas áreas se completam e se comunicam muito bem. Uma oferece ajuda para a outra. Por exemplo, usamos os conhecimentos de Informática para fazer projeções de investimentos para o futuro, usando também os conhecimentos matemáticos e a ferramenta computador. Essa mistura torna o trabalho mais abrangente e atrai mais os alunos para participar. Evita a monotonia. É uma forma diferente e interessante de ver um conteúdo para o qual todos faziam uma cara de desprezo.

Para entender as razões dos acontecimentos e poder interferir na realidade, é preciso que se conheça e se entenda as causas e a forma como ocorreram, como nos diz Fazenda (2002, p. 47):

[...] há uma nova perspectiva nas questões de identidade, a interdisciplinar, na qual o que importa não é tentar explicar as causas das ações e representações do indivíduo sob determinada situação de vida, mas compreendê-las a partir da forma como elas ocorreram.

A interdisciplinaridade é de grande importância na consecução da tarefa de educar com responsabilidade, numa atitude que fomente no aluno a capacidade de questionar, ponderar e decidir com segurança sobre sua vida presente e futura.

Além do exposto até aqui, o trabalho interdisciplinar também ajudou o aluno no trato com a Matemática regular, de sala de aula, como se percebe na fala a seguir:

O conteúdo matemático trabalhado no Projeto também me ajudou a compreender melhor o uso da Matemática em sala de aula, aproximou a matéria da minha realidade.

Para bem atender o aluno, é mister o professor estar preparado, ler, se informar, se formar constantemente. Não é preciso que se julgue sabedor de tudo ou que espere até ter conhecimento de várias áreas para trabalhar interdisciplinarmente. O processo vai-se construindo junto com o amadurecimento do aluno: o professor amadurece junto e, conforme as necessidades vão aparecendo, ele se informa sobre o tema que estão trabalhando no momento. Fazenda (2002, p. 51) escreve:

Um projeto dessa natureza pressupõe a formação de professor/pesquisador, daquele que busque a redefinição contínua de sua práxis, e de uma instituição que invista na superação dos obstáculos de ordem material, cultural e epistemológica, enfim, num projeto coletivo.

E aqui está bem claramente definido esse Projeto coletivo, que é a interdisciplinaridade a serviço da construção da autonomia do aluno.

4.3 Construção da autonomia

As falas de muitos alunos revelam muitos de seus anseios, o que eles esperam da Escola, da formação que recebem e também de sua vida futura. A revelação dessas expectativas é que me levaram a identificar a construção de sua autonomia. E a Escola quer contribuir na construção da autonomia dos alunos na medida em que os ouve, com eles dialoga, argumenta e constrói bases para uma vida profissional e pessoal futuras.

“Eu me interesso bastante por números, gosto de contas”, diz um dos entrevistados. Essa foi sua motivação instintiva para se inscrever no Projeto de Educação Financeira.

Apesar de eu já estudar alemão no ano anterior, optei por parar e participar do Projeto de Educação Financeira. No ano seguinte talvez eu não pudesse aproveitar o Projeto, pois as inscrições só estavam abertas para alunos do segundo ano, por razões organizacionais da Escola.

É interessante observar, na fala acima, que o aluno tem consciência de que ele precisou fazer uma escolha: ou continuava suas aulas de alemão ou participava do novo, do Projeto de Educação Financeira. Também é sintomático observar que a argumentação desenvolvida pelo aluno passa por uma pequena reflexão que revela certo grau de autonomia, catalisada pela necessidade de decidir o que fazer naquele momento de sua vida de estudante. Assim, estamos como professores participantes deste Projeto, contribuindo para a formação da autonomia do aluno, não apenas transmitindo conhecimento, mas colaborando para que ele o construa de forma independente. Como diz Freire (2003, p. 22), “é preciso [...] que se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.”

Um dos entrevistados diz: “tenho interesse em seguir carreira trabalhando em uma profissão que tenha a ver com os conteúdos da Educação Financeira.” Outro afirma,

Pudemos ver mais detalhadamente no Projeto. Conseguimos fazer ligações entre as matérias de História e Matemática. Para entender, por exemplo, como se calculam

os juros sobre um capital emprestado, é preciso compreender algumas fundamentações históricas de propriedade e poder.

A construção de conhecimento aqui permite que o aluno opine, diga o que pensa e o que quer, corroborando a construção não só do seu conhecimento, mas de sua autonomia. Como diz Freire (2003, p. 23s.),

Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender.

Na busca da construção do conhecimento é mister aprender. E aprender a aprender. Então o professor pode começar a ensinar, mas não como transmissor de conhecimento, senão como aquele que faz brotar as perguntas no aluno, participa da construção da autonomia dele.

A fala do aluno que segue abaixo é muito significativa, tanto pelo detalhamento do que ele conseguiu construir no processo do Projeto de Educação Financeira, como na beleza de ver crescendo a construção de sua autonomia.

Aprendemos a calcular os juros em um financiamento, por exemplo, o que eu não sabia fazer antes. Apreendi a comparar e ver o que sai mais barato. Apreendi a avaliar e tirar conclusões sobre o que é mais vantajoso para mim, no caso de comprar pagando a vista ou financiando ou guardando o dinheiro para comprar mais tarde. Por exemplo, posso juntar uma quantia em dinheiro por uns três ou quatro meses na caderneta de poupança e pagar bem mais barato. Se eu comprar usando um financiamento, acabarei pagando por estar usando o dinheiro emprestado, o que acarretará um aumento de custo do produto que estou adquirindo. Assim, acabarei pagando mais do que vale o que compro e não agrego qualquer valor a este bem. A preocupação de pensar no futuro eu não tinha antes de participar desse Projeto. Vivia apenas o dia de hoje ou planejava apenas um pouco mais à frente (talvez algumas semanas). Não tinha a preocupação de guardar dinheiro numa caderneta de poupança. Eu sempre pensava assim: se tiver dinheiro para comprar algo eu compro. Se não tiver, não compro. Nunca tinha pensado em planejar para adquirir no futuro.

Aconteceu um processo dialógico com argumentação clara e organizada. O professor que orientou os trabalhos aqui precisou conhecer o assunto de que estavam falando, não pôde simplesmente “dar uma aula”, mas teve que dialogar com os alunos. E, para isso, precisou se preparar, conhecer bem o assunto. Freire (2003, p. 29) diz: “Enquanto ensino, continuo buscando, repercurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e

porque me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.”

Nesse sentido, Moretto (2002, p. 21) diz:

De tempos em tempos, aparecem na sociedade os “revolucionários”, isto é, pessoas (ou grupos) inconformados com o que julgam realidades construídas e impostas aos membros de uma sociedade e que beneficiam apenas alguns privilegiados. Mudar essa realidade e construir outra sempre foi o grande objetivo de todos os revolucionários, tanto no campo da ciência como no campo social.

A nossa revolução, como professores imbuídos da idéia de colaborar fortemente na construção da autonomia do aluno, está em discutirmos com ele suas idéias, permitindo que ele traga sua bagagem de saberes e compartilhe com o grupo em que está inserido na Escola. Aqui a citação de Freire (2003, p. 30) aclara o que foi dito acima:

Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes?

Reúno agora mais algumas falas dos quatro alunos entrevistados que reforçam a ajuda concreta que o Projeto de Educação Financeira oferece a eles.

A Educação Financeira ajuda a administrar melhor em várias áreas da minha vida. Participar do Projeto de Educação Financeira melhorou a minha capacidade de administrar tudo o que tenha a ver com recursos financeiros, tudo que se relaciona a dinheiro. Me ajuda a administrar melhor, com mais responsabilidade. Eu já via o Projeto com olhos um pouco diferentes do que meus colegas no início das aulas porque já leio bastante sobre finanças: esse assunto me interessa. Tenho assinatura de revistas e leio sobre economia, política.

Seria importante que todos [os colegas] pudessem participar do Projeto para aprenderem a lidar melhor com os seus recursos financeiros. A participação no Projeto de Educação Financeira ajuda a criar mais autonomia para projetar seu futuro profissional e pessoal. A autonomia de fazer as minhas próprias escolhas não se liga só aos recursos financeiros.

A História também me chamou muito a atenção, pois pude compreender muitos dos porquês de como funcionam a economia e as finanças em nosso país e no mundo. Meus pais gostaram desta minha nova forma de organizar minhas despesas e o que eu ganho. Antes de participar do Projeto eu já tinha alguma organização nas minhas finanças, mas agora acho que me organizo melhor, planejo, faço isso com mais clareza. Não ganho muito, é mesada. Não consigo guardar muito, mas controlo mais do que eu controlava antes. Alguma coisa consigo guardar. Evito desperdiçar meus recursos financeiros. Clareou os meus conceitos sobre o uso dos recursos financeiros.

O mundo exige que a pessoa saiba se organizar e seja autônomo para dirigir as próprias finanças. Não é preciso ficar trabalhando somente de um jeito. Aqui pudemos ver que todas estas áreas se completam e se comunicam muito bem. Gostei bastante de ter visto toda a evolução do sistema de troca, passando para moeda corrente e assim por diante. Também achei muito legal a parte da Matemática, que nos ofereceu formas fáceis de fazer cálculos para controlar e administrar o uso do nosso dinheiro. Foi interessante ver como se calculam juros, rendimento de caderneta de poupança, descontos. Eu só conhecia estes cálculos de ouvir falar, pois não fazia parte do meu dia-a-dia.

Posso identificar nas quatro citações de alunos acima alguns elementos da construção da autonomia. Sem dúvida, há os relatos de que a participação no Projeto os ajudou na administração de seus recursos financeiros. Mas o que mais me salta aos olhos são os relatos de que a ajuda não fica só no campo das finanças, senão que também é base para a administração de recursos de outra ordem, tais como projetar o futuro profissional ou escolhas em qualquer área da vida do aluno. O Projeto de Educação Financeira instrumentaliza o aluno a construir sua autonomia de forma ampla, que interliga várias nuances de sua vida, não só a financeira. Além disso, é motivo de grande satisfação para os idealizadores do Projeto ver alunos dizerem que levaram para suas famílias o que nos encontros foi tratado: os conteúdos foram, de forma indireta, atingir também os pais dos alunos. Ter feito todo um trabalho de conscientização para a melhor organização dos seus recursos e constatar, por meio dos relatos, que houve mudanças significativas na conduta dos alunos, é de grande importância no prosseguimento dos trabalhos e seu aprimoramento. Por fim, é alentador ver usados pelos próprios alunos termos como *autonomia* e sua clareza quando dizem se sentirem agora mais autônomos em várias áreas de sua vida por terem passado pelo Projeto de Educação Financeira.

A possibilidade de conversar muito, trocar idéias, experiências, expectativas e argumentar, faz com que a linguagem também seja desenvolvida mais rapidamente. E o melhor domínio do uso da linguagem também colabora para a construção da autonomia. Nesse sentido, Delval (2003, p.43) diz:

A linguagem e a representação permitem ao homem distanciar-se da situação imediata, pensar a longo prazo, prever o que irá acontecer, ainda que se trate de uma situação que só tenha alguns aspectos em comum com outras já ocorridas. Permitem-lhe também planejar a ação de longo prazo de sua própria atividade.

Assim, a construção da autonomia é paulatina e dá-se indefinidamente. Mas há um momento de começo, que é hoje. E é preciso decidir começar, sob pena de a autonomia ficar muito reduzida, produzindo, assim, pessoas dependentes do que as outras lhe mostram.

As falas que se seguem querem reforçar a construção da autonomia que se faz no desenvolvimento do Projeto de Educação Financeira.

A participação no Projeto mudou minha ótica para os assuntos de finanças. Agora penso em guardar algum dinheiro para gastar da forma mais otimizada no futuro. Hoje consigo guardar algum dinheiro que tiro da mesada. Eu também conversei algumas vezes com minha família sobre os conteúdos do Projeto de Educação Financeira. Eles perguntavam o que era isso, Educação Financeira. Eu respondi que se tratava de preparar a gente para planejar melhor os gastos. O planejamento é o que seria o diferencial para fazer render mais os nossos recursos financeiros. Depois de ter participado do Projeto de Educação Financeira, minha relação com as finanças mudou. O uso mais responsável do dinheiro e de nossos recursos, não só financeiros, mas também os intelectuais, era a tônica que integrava todas as nossas aulas.

A conversa com os familiares sobre os temas tratados no Projeto deixa muito claro o interesse do aluno pelos assuntos abordados e sua conseqüente construção de autonomia. Ele se torna capaz de dialogar, intervir com argumentação, não só na Escola, senão também em casa, com sua família. Todo esse preparo para a dialogicidade o instrumentaliza espetacularmente para sua vida toda, contribuindo de forma decisiva e indispensável para a formação de uma pessoa mais autônoma, independente. A curiosidade aqui despertada ou, pelo menos, aguçada, é o que move a ciência e possibilita descobertas e invenções. Freire (2003, p. 32) diz:

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos.

Outro aluno também relata suas conversas em casa, com sua família:

Meu pai já paga previdência privada por estar convicto da necessidade de fazer isso. Agora eu estou convencido de que realmente é importante e indispensável pensar no futuro enquanto ele ainda não chegou e podemos tomar providências para

que ele seja bom. Prefiro, às vezes, guardar para comprar algo de mais valor no futuro a gastar hoje e não planejar nada, desperdiçando meus recursos em supérfluos que serão de muito pouca utilidade para a melhora da qualidade de minha vida. Algumas coisas do que víamos aqui no Projeto eu discutia em casa com meus pais. Por exemplo, taxa de juros, seu uso para fazer cálculos de prestações em financiamentos de bens maiores como automóvel ou simplesmente a compra de eletrodomésticos em prestações. Descobrimos, juntos, que seria mais vantajoso juntar o dinheiro por alguns meses, deixando de gastar em bobagens enquanto estávamos planejando comprar algo de maior valor a comprar a prestação e gastar muito mais.

A autonomia não pode ser construída sozinha. Sua elaboração se dá em conjunto, envolvendo o aluno como um ser completo e não abrangendo partes isoladas. Por isso, o desenvolvimento do Projeto de Educação Financeira interligando as disciplinas que o compõem, torna-se uma ferramenta muito importante e eficaz na construção da autonomia do aluno. “O conteúdo matemático trabalhado no Projeto também me ajudou a compreender melhor o uso da Matemática em sala de aula, aproximou a matéria da minha realidade.” Essa fala só vem a corroborar o que eu disse acima.

Freitas (2002, p. 102) diz que “a consciência reflexiva chega à criança através dos conhecimentos científicos e depois se transfere aos conceitos cotidianos”. Assim, a capacidade de reflexão do aluno precisa ser desenvolvida para que ele se torne cada vez mais autônomo, tanto quanto cada vez mais reflete sobre a realidade que o cerca.

A participação no Projeto mudou um pouco meus hábitos de olhar para frente. Era algo que eu já fazia, mas sem muita organização. Eu não sabia se o que estava fazendo era o melhor para mim mesmo. Participar do Projeto me deu ferramentas para me tornar mais seguro e confiante no que estava fazendo para meu futuro. Isso veio ao encontro do que eu buscava, mas não tinha de forma clara em minha cabeça.

A construção da autonomia depende de atenções e cuidados importantes por parte do professor que conduz o processo junto com os alunos. Matui (1998, p. 185 e 45), diz:

O construtivismo é antes de tudo postura pedagógica e o papel do professor, justamente, é operacionalizar essa postura. [...] O professor que abandona a postura e o método empirista abandona o livro didático e passa a extrair o conhecimento do aluno.

e

A aprendizagem não procede só do sujeito, mas da interação. [...] Não há sujeito sem objeto e não há objeto sem sujeito que o construa. O sujeito não está

simplesmente situado no mundo, mas o meio (o objeto) entra como parte integrante do próprio sujeito, como matéria e conteúdo cognitivo e histórico.

A interação dos alunos entre si e dos alunos com o professor possibilita uma construção mais rápida e mais sólida da autonomia. As contribuições que são trocadas nesses momentos durante o Projeto de Educação Financeira são muito importantes para o processo de crescimento intelectual do aluno e sua formação para a autonomia.

Ter passado por dois trimestres conversando com colegas, professores, assistindo palestras e refletindo sobre a administração dos meus recursos já nos prepara para a vida e facilita a tomada de decisões. Antes eu não tinha a visão que tenho hoje, que considero mais clara. Assuntos como conta bancária, cartão de crédito, seguro, eu só ouvia falar em casa, por meus pais. Mas não conhecia a fundo, não sabia ao certo para que servia e como lidar com esses “produtos”. Impostos e bolsa de valores, então, eram coisas muito distantes. Só ouvia nos noticiários da TV ou via nos jornais, mas nunca havia prestado atenção ou tinha tentado entender do que, realmente, se tratava.

A interação que houve ao longo do desenvolvimento do Projeto de Educação Financeira foi intensa e tal intensidade contribuiu, de maneira marcante, para a construção da autonomia dos alunos.

A Educação Financeira me fez ver que tenho responsabilidade com o meu futuro. Isso criou em mim a visão de que devo ser “dono do meu nariz”, ou seja, não deixar que a propaganda e a mídia digam o que eu devo fazer com os meus recursos financeiros. No Brasil, isso não é fácil, já que somos sempre muito bombardeados com muita propaganda consumista. Toda a mídia faz o possível para levar o nosso dinheiro. Agora tenho mais convicção e coragem para dizer não a certos consumos exagerados. Entre os colegas da minha turma que não fizeram o Projeto, conversávamos algumas vezes sobre o gasto do dinheiro. Parece que a maioria deles não pensava em planejamento e não tinham idéia de que dá para planejar e isso nem é tão difícil assim.

Outro aluno diz:

Não sou comum e não quero que me tratem como se eu fosse. A autonomia de fazer as minhas próprias escolhas não se liga só aos recursos financeiros. Participar do Projeto me abriu as possibilidades de pensar que posso fazer escolhas em todas as áreas da minha vida levando em conta mais os meus interesses do que aquilo que me é pregado pela mídia, por exemplo.

Aqui fica clara a formação da autonomia do aluno, que passa pelo diálogo e a capacidade de fazer crítica a respeito de tudo que recebemos através da mídia. Fica também evidente a capacidade de argumentação entre os colegas, que podem e devem manifestar suas idéias e críticas sobre o *status quo* vigente.

A fala seguinte ilustra bem como os alunos se sentem em relação ao assunto de finanças e de como a participação no Projeto de Educação Financeira os pode ajudar na construção de sua autonomia.

Eu anoto os meus gastos hoje. Sou até crítica: analiso se realmente precisava ter gasto dinheiro nas compras que fiz ou em alguma atividade de lazer em que gastei meus recursos. Analiso se realmente o que foi gasto se justificou e se foi positivo para mim. Às vezes chego à conclusão que gastei uma soma em algo que não valeu a pena. Já sei para a próxima vez. Acho que isso me ajuda a me formar para uma futura administração de minhas finanças quando estiver trabalhando.

A preparação para a vida diária fica evidente ao analisarmos a fala abaixo.

Ter passado por dois trimestres conversando com colegas, professores, assistindo palestras e refletindo sobre a administração dos meus recursos já nos prepara para a vida e facilita a tomada de decisões. Antes eu não tinha a visão que tenho hoje, que considero mais clara. Agora, quando eu precisar lidar com bancos, já estou mais esclarecida sobre o funcionamento. Por exemplo, juros do cheque especial, cartão de crédito, impostos do governo e tarifas que a gente paga como cidadão.

A seguir vem a fala de um aluno que já tem consciência da necessidade de refletir antes de comprar algo ou planejar o uso dos seus recursos, que corrobora a argumentação da construção de autonomia no Projeto de Educação Financeira.

Paramos para pensar: o que é mais vantajoso para nós, agora, do ponto de vista econômico? Antes até a gente já planejava em conjunto, mas agora acho que isso foi reforçado, a gente vê que é possível pensar assim e que não é preciso sempre comprar só porque há recursos “sobrando”. Meu pai sempre diz como está sendo esse mês: o que pode ser gasto a mais ou se noutro mês é preciso economizar para não ter que passar por situações de desconforto no banco, por exemplo.

Outro aluno relata as mudanças que ocorreram em sua interpretação a respeito de assuntos relacionados a finanças ou administração de recursos.

Eu acho que é importante saber lidar com dinheiro [de forma a não desperdiçá-lo]. Antes de participar do Projeto eu tinha bastante dificuldade em lidar com assuntos relacionados a finanças. Eu não entendia muito de bolsa de valores, correção monetária, eu não sabia nada sobre esses assuntos. Agora eu já consigo entender do que se está falando e para que serve.

Ainda há que se levar em conta que a participação no Projeto desmistifica alguns assuntos que, em sala de aula regular, são problemas para os alunos. Assim, são dadas contribuições para solucionar dificuldades enfrentadas pelos alunos em seu dia-a-dia na aula regular. Vejam-se os depoimentos de dois alunos:

Por exemplo, usamos os conhecimentos de Informática para fazer projeções de investimentos para o futuro, usando também os conhecimentos matemáticos e a

ferramenta computador. Essa mistura torna o trabalho mais abrangente e atrai mais os alunos para participar. Evita a monotonia. É uma forma diferente e interessante de ver um conteúdo para o qual todos faziam uma cara de desprezo.

Nunca tinha trabalhado com estas contas. Foi diferente e interessante para mim. Quando estávamos trabalhando com os conteúdos de investimentos e poupança eu falava com meus familiares e foi legal trocar idéias com eles. Para mim foi muito bom participar do Projeto. Eu não dava muita importância ao controle do dinheiro, eu não tinha preocupações de economizar. Agora tenho essa consciência criada em mim. Eu sou impulsiva com o gasto do dinheiro, compro por estímulo, sem pensar muito no futuro. O Projeto me ajudou a [me] controlar um pouco mais. Até consigo poupar um pouquinho agora.

Nas duas citações acima identifico, novamente, que a participação no Projeto catalisa o diálogo entre os alunos e seus familiares. Fica evidenciada a construção de autonomia, quando os alunos são capazes de argumentar, reconhecer o que aprenderam e não conheciam ou não dominavam antes. A Educação, por meio da Interdisciplinaridade, conseguiu, de forma eficiente, contribuir na Construção da Autonomia dos alunos.

5 Conclusão

As respostas dadas pelos alunos entrevistados foram muito ricas. Suas falas mostram que há uma capacidade de reflexão consideravelmente desenvolvida. A argumentação dialógica, com os professores, entre os colegas e com as suas famílias está claramente registrada nas transcrições das entrevistas. O Projeto de Educação Financeira chegou com grande aproveitamento ao propósito a que veio: ajudar na construção da autonomia do aluno.

A crítica está presente nas conversas que se desenvolvem no ambiente das entrevistas e na descrição do que aconteceu no desenrolar do Projeto. Não se quer dizer que esteja pronta a pessoa que tem capacidade crítica, mesmo porque não conseguimos medir quão crítico alguém é capaz de ser. E a crítica passa pelo posicionamento, como diz Freire (2003, p. 71),

Em nome do respeito que devo aos alunos não tenho por que me omitir. [...] O meu papel, ao contrário, é o de quem testemunha o direito de comparar, de escolher, de romper, de decidir e estimular a assunção deste direito por parte dos educandos.

O que Freire diz acima ocorreu durante o desenvolvimento das atividades do Projeto de Educação Financeira, promovendo um verdadeiro fórum onde os alunos e professor puderam manifestar suas idéias, discutir, tirar conclusões. Como ficou evidenciado em alguns trechos dos depoimentos dos alunos, essa troca de idéias possibilitou neles as trocas de alguns de seus paradigmas em relação ao consumo e ao planejamento de seus gastos e de sua vida profissional futura. Essa mudança ficou evidenciada na fala que se segue:

a Educação Financeira [me] ajuda a administrar melhor em várias áreas da minha vida. A participação no Projeto mudou um pouco meus hábitos de olhar para frente. Era algo que eu já fazia, mas sem muita organização. Eu não sabia se o que estava fazendo era o melhor para mim mesmo.

A Educação aqui proposta é crítica, não só de análise ou constatação. O processo pelo qual os alunos passaram modificou suas visões de mundo, suas relações com a economia e com o dinheiro e suas tomadas de decisão. Mas nada está pronto. O Projeto de Educação Financeira só oferece um impulso inicial para que os alunos se tornem mais críticos e aprendam a ponderar sempre em todas as situações de sua vida futura. A emancipação que se quis promover neste processo “[...] não é uma categoria estática, [...] mas dinâmica, como um vir-a-ser e não um ser.” (ADORNO, 2000, p. 181).

A interdisciplinaridade também se mostrou uma ferramenta muito eficiente como coadjuvante no processo de educação. Para educar financeiramente, não basta trabalhar só com números e finanças, como se pode ver no depoimento a seguir:

Achei muito interessante a parte da História que trabalhamos no início do Projeto. Foi importante, dentro da idéia de Educação Financeira, conhecer como surgiram e evoluíram as moedas, que moedas o nosso país já teve, quando e porque mudaram.

O conhecimento de conteúdos é importante, mas igualmente o é a discussão, a crítica, a reforma das idéias já preexistentes. O aluno se sente orientado, há agora uma base mais sólida sobre a qual ele conseguirá construir suas concepções futuras de finanças e administração de sua vida econômica. O grande trabalho que se fez foi aproveitar uma vivência real, não uma situação hipotética, e partir para estudos sobre essas situações reais, como comprar à vista ou a prazo, o que é mais vantajoso?

Interessante foi constatar que o Projeto de Educação Financeira conseguiu tornar o aluno infecto das prerrogativas dos trabalhos: ele contaminou sua família, como vemos na fala abaixo:

Algumas coisas do que víamos aqui no Projeto eu discutia em casa com meus pais. Meu pai já paga previdência privada por estar convicto da necessidade de fazer isso. [...] Por exemplo, taxa de juros, seu uso para fazer cálculos de prestações em financiamentos de bens maiores como automóvel ou simplesmente a compra de eletrodomésticos em prestações. Descobrimos, juntos, que seria mais vantajoso juntar o dinheiro por alguns meses, deixando de gastar em bobagens enquanto

estávamos planejando comprar algo de maior valor a comprar a prestação e gastar muito mais.

Pode-se notar que, na família mencionada acima, já havia alguma preocupação com o planejamento, já que pagavam previdência privada. Mas houve novas descobertas, em conjunto, a partir da discussão, em família, desencadeada pelas atividades do Projeto de Educação Financeira.

A integração entre as disciplinas que compõem o Projeto também foi vista de forma muito positiva pelos alunos e colaborou para melhorar seu aprendizado e a construção de sua autonomia. Parte da fala de um dos entrevistados deixa isso bem claro: “[...] achei que integrar o Projeto com disciplinas que pareciam não ter muito em comum como História, Matemática, Informática, Ética, foi muito interessante. Uma completava a outra. As aulas não foram estanques, onde cada conteúdo se encerra em si [...]”.

Novamente cito Freire (2003, p. 94), quando diz:

Posso saber pedagogia, biologia como astronomia, posso cuidar da terra como posso navegar. Sou gente. Sei que ignoro e sei que sei. Por isso, tanto posso saber o que ainda não sei como posso saber melhor o que já sei. E saberei tão melhor e mais autenticamente quanto mais eficazmente construa minha autonomia em respeito à dos outros.

Sempre é possível descobrir novas formas, novas nuances, mesmo sobre algo que eu já domine. Isso é claro para poucas pessoas. Por isso, creio que o Projeto de Educação Financeira exerce um papel importante na formação dos alunos que dele participam, no sentido de despertar neles a curiosidade para sempre perguntar, em qualquer situação da vida, não aceitar o que vem pronto e acabado.

Na busca da construção do conhecimento é mister aprender. E aprender a aprender. Então o professor pode começar a ensinar, mas não como transmissor de conhecimento, senão como aquele que faz brotar as perguntas no aluno, participa da construção da autonomia dele. Muito significativa para mim, como professor, foi ouvir a fala que se segue:

Não sou comum e não quero que me tratem como se eu fosse. A autonomia de fazer as minhas próprias escolhas não se liga só aos recursos financeiros. Participar do Projeto me abriu as possibilidades de pensar que posso fazer escolhas em todas as áreas da minha vida levando em conta mais os meus interesses do que aquilo que me é pregado pela mídia, por exemplo.

Concluindo, vejo que só se pode tratar dos problemas particulares se forem pensados em seu contexto e, para entender o contexto, há que se compreender o conjunto de parcelas que o constituem. Trabalhando na integração de partes entre si, o Projeto de Educação Financeira está instrumentalizando o aluno para tratar seus problemas futuros do cotidiano, de maneira que estará mais apto para juntar as partes e melhor entender o todo e tomar decisões com mais rapidez e mais segurança.

Referências

- ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- ALVES, Rubem. **A Escola que sempre sonhei – sem imaginar que pudesse existir**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2003.
- ALVES, Rubem. **Por uma Educação romântica**. 2. ed. Campinas: Papirus, 2002.
- BAQUERO, Ricardo. **Vygotsky e a aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.
- BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. **Filosofia da Educação Matemática**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- CALVINO, Italo. **Seis propostas para o novo milênio**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- COLL, César; MARTÍN, Elena; MAURI, Teresa; MIRAS, Mariana; ONRUBIA, Javier; SOLÉ, Isabel; ZABALA, Antoni. **O Construtivismo na sala de aula**. 6.ed. São Paulo: Ática, 1999.
- COLL, César; POZO, Juan Ignacio; SARABIA, Bernabé; VALLS, Enric. **Os conteúdos na reforma**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- COLL, César. **Psicologia e currículo**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática – elo entre as tradições e a modernidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- DELVAL, Juan. **Aprender a aprender**. 6. ed. Campinas: Papirus, 2003.
- DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.
- DOMINGUES, Ivan (Org.). **Conhecimento e transdisciplinaridade**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- ERIKSON, Erik. **O ciclo de vida completo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa**. 10. ed. Campinas: Papirus, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **Vygotsky & Bakhtin – psicologia e educação: um intertexto**. 4. ed. Juiz de Fora/São Paulo: EDUFJF/Ática, 2002.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KLEIMAN, Ângela B.; MORAES, Sílvia E. **Leitura e Interdisciplinaridade – Tecendo redes nos projetos da Escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

LÜCK, Heloísa. **Pedagogia interdisciplinar**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MACHADO, José Nilson. **Educação: projetos e valores**. 3. ed. São Paulo: Escrituras, 2002.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico Filosóficos**. Lisboa: Edições 70, 1993.

MATUI, Jiron. **Construtivismo – teoria construtivista sócio-histórica aplicada ao ensino**. São Paulo: Moderna, 1998.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. **A árvore do conhecimento – as bases biológicas da compreensão humana**. 3. ed. São Paulo: Palas Athena, 2003.

MORAES, Roque. **Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva**. Ciência e Educação: Bauru, v9, n2, p.191-210, 2003.

MORETTO, Vasco Pedro. **Construtivismo – a produção do conhecimento em aula**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 6. ed. São Paulo/Brasília: Cortez/UNESCO, 2002.

MOYSÉS, Lúcia. **Aplicações de Vygotsky à Educação Matemática**. 2. ed. São Paulo: Papirus, 2000.

NOGUEROL, Artur. **Aprender na Escola**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

OLIVEIRA, Hilda Rabelo de; SENAPESCHI, Alberto N. A escola: um projeto visando ao ensino interdisciplinar e transversal. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília: Ministério da Educação, v. 82, n. 200, 201 e 202, p. 105-115, set. 2003.

SKOVSMOSE, Ole. **Educação matemática crítica: a questão da democracia**. Campinas: Papirus, 2001.

STEIN, Suzana Albornoz. **Por uma Educação libertadora**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

STRECK, Danilo R. **Correntes pedagógicas** – uma abordagem interdisciplinar. Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Celadec, 2005.

VISCOTT, David. **A linguagem dos sentimentos**. 17. ed. São Paulo: Summus, 1982.

Anexos

Entrevistas com os alunos

Os alunos entrevistados estão todos dentro da mesma faixa etária, entre 14 e 16 anos de idade. Foram transcritas quatro das cinco entrevistas realizadas pelos motivos já descritos anteriormente, de um universo de 35 que participam do projeto. Todos fazem parte da segunda série do ensino médio da Escola em que ocorre o Projeto de Educação Financeira. As entrevistas foram individuais e gravadas em áudio, em horários e locais escolhidos exclusivamente para sua realização. Todas foram realizadas dentro do ambiente escolar na primeira semana de dezembro de 2004. Os nomes são fictícios para evitar identificação das pessoas.

1 Aluno Antônio

Eu me interessava bastante por números, gosto de contas. Dentro das várias possibilidades que a Escola oferece de aulas extra-classe [disciplinas facultativas], o Projeto de Educação Financeira acontecia no mesmo horário das aulas de alemão. Então deixei de fazer alemão e optei pelo Projeto. Deixei de fazer o alemão que eu fazia no ano anterior por causa de interesse pessoal. Tenho interesse em seguir carreira em algo que tenha a ver com os conteúdos da Educação Financeira. Quero dar aulas de Matemática. Não necessariamente quero trabalhar com finanças, mas com Matemática.

Achei muito legal a parte da História que trabalhamos no início do Projeto. Vimos como surgiram e evoluíram as moedas. Que moedas teve o Brasil, quando e por que

mudaram as nossas moedas. Depois tivemos algumas aulas de Matemática, com proporção e outros conteúdos que dizem respeito a finanças.

Também trabalhamos a idéia de juros. De todos esses conteúdos eu já tinha ouvido algo, ou mesmo visto em aula, mas com pouca profundidade. Pudemos ver mais detalhadamente no Projeto. Aprendemos a calcular os juros em um financiamento, por exemplo, o que eu não sabia fazer antes. Aprendi a comparar e ver o que sai mais barato, o que é mais vantajoso para mim, no caso de comprar pagando à vista ou financiando ou guardando o dinheiro para comprar mais tarde. Por exemplo, posso juntar uma quantia em dinheiro por uns três ou quatro meses na caderneta de poupança e pagar bem mais barato do que comprar financiado e pagar um valor maior pelo produto que estou adquirindo.

A preocupação de pensar para o futuro eu não tinha antes de participar deste Projeto. Não tinha a preocupação de guardar dinheiro numa caderneta de poupança. Eu sempre pensava assim: se tiver dinheiro para comprar algo, eu compro, se não tiver, não compro. Nunca tinha pensado em planejar para adquirir no futuro. A participação no Projeto mudou minha ótica para os assuntos de finanças. Agora penso em guardar algum dinheiro para gastar da forma mais otimizada no futuro. Hoje consigo guardar algum dinheiro que tiro da mesada.

Eu também conversei algumas vezes com minha família sobre os conteúdos do Projeto de Educação Financeira. Eles perguntavam o que era isso, Educação Financeira. Eu respondi que tratava de ensinar a gente a planejar melhor os gastos para fazer render mais o nosso dinheiro. Não sei se mudou a relação com as finanças dos meus pais, mas a minha mudou.

Achei também que colocar disciplinas que pareciam não ter muito em comum num mesmo Projeto (História, Matemática, Informática, Ética) foi muito interessante. Uma parecia completar a outra e as aulas não foram estanques, mas se misturaram, trazendo

acréscimos agradáveis de trabalhar. Todas trabalharam em torno das finanças e do uso mais responsável do dinheiro. O conteúdo matemático trabalhado no Projeto também me ajudou a compreender melhor o uso da Matemática em sala de aula, aproximou a matéria da minha realidade.

O que não achei muito bom é que as aulas do Projeto coincidiram com o horário das aulas de alemão. Eu tive vários colegas que gostariam de ter feito o Projeto e não fizeram porque já vinham fazendo alemão desde o ano passado e não quiseram interromper para fazer a Educação Financeira que, teoricamente, se formar turma, poderão fazer no ano que vem.

2 Aluno Bernardo

Eu acho que a Educação Financeira ajuda a administrar tudo em minha vida que tenha a ver com recursos financeiros, tudo que se relaciona a dinheiro. Me ajuda a administrar melhor, com mais responsabilidade. Eu já via o Projeto com olhos um pouco diferentes do que meus colegas no início das aulas porque já leio bastante sobre finanças: esse assunto me interessa. Tenho assinatura de revistas e leio sobre economia, política.

A participação no Projeto mudou um pouco meus hábitos de olhar para frente. Era algo que eu já fazia, mas sem muita organização e sem saber muito se eu estava fazendo o que era o melhor para mim. Foi bom ter participado deste Programa que veio ao encontro do que eu pensava e queria.

Meu pai já paga previdência privada por estar convicto da necessidade de fazer isso. Agora eu estou convencido de que realmente é importante e indispensável pensar no futuro enquanto ele ainda não chegou e podemos tomar providências para que ele seja bom.

A Educação Financeira me fez ver que tenho responsabilidade com o meu futuro. Isso criou em mim a visão de que devo ser “dono do meu nariz”, ou seja, não deixar que a propaganda e a mídia digam o que eu devo fazer com os meus recursos financeiros. No Brasil, isso não é fácil, já que somos sempre muito bombardeados com muita propaganda consumista. Toda a mídia faz o possível para levar o nosso dinheiro. Agora tenho mais convicção e coragem para dizer não a certos consumos exagerados e prefiro, às vezes, guardar para comprar algo de mais valor no futuro a gastar hoje e não planejar nada.

Entre os colegas da minha turma que não fizeram o Projeto, conversávamos algumas vezes sobre o gasto do dinheiro. Parece que a maioria deles não pensava em planejamento e não tinham idéia de que dá para planejar e isso nem é tão difícil assim. Seria importante que todos [os colegas] pudessem participar do Projeto para aprenderem a lidar melhor com os seus recursos financeiros e criar mais autonomia para projetar seu futuro profissional e pessoal. Assim, as pessoas não estariam tão à mercê da mídia e de suas armadilhas.

Acho que o principal conteúdo que aprendi no Projeto é administrar minha vida e meus recursos de forma a fazer o melhor para mim, não deixando de lado a Ética, sem prejudicar os outros. Preciso usar meus recursos e ganhá-los sem prejudicar a ninguém, nenhum colega. A concorrência feroz que há no mercado de trabalho hoje parece pregar o contrário, mas preciso achar um meio termo para não atrapalhar os outros e também não permitir que a enxurrada da mesmice me leve junto para uma vala comum. Não sou comum e não quero que me tratem como se eu fosse.

A autonomia de fazer as minhas próprias escolhas não se liga só aos recursos financeiros. Participar do Projeto me abriu as possibilidades de pensar que posso fazer escolhas em todas as áreas da minha vida levando em conta mais os meus interesses do que aquilo que me é pregado pela mídia, por exemplo.

Eu, particularmente, gosto muito de História, leio muito sobre isso. Entender como as relações econômicas se desenvolveram ao longo dos tempos me fez entender melhor a realidade atual. Pude compreender o porquê de estarmos na situação econômica em que estamos hoje, o que, para mim, antes, parecia um pouco sem nexo.

Algumas coisas do que víamos aqui no Projeto eu discutia em casa com meus pais. Por exemplo, taxa de juros, seu uso para fazer cálculos de prestações em financiamentos de bens maiores como automóvel ou simplesmente a compra de eletrodomésticos em prestações. Descobrimos, juntos, que seria mais vantajoso juntar o dinheiro por alguns meses, deixando de gastar em bobagens enquanto estávamos planejando comprar algo de maior valor a comprar à prestação e gastar muito mais.

Achei que deveríamos ter conseguido aprofundar mais a idéia de consórcio, por exemplo, que é uma forma barata de comprar um bem de alto valor. Falamos um pouco sobre isso, mas o tempo foi pouco.

3 Aluna Cristiane

Acho que é muito válido o Projeto de Educação Financeira. Muitas coisas em relação a compras, consumo, vejo agora de outra forma, depois de ter participado do Projeto. A História também me chamou muito a atenção, pois pude compreender muitos dos porquês de como funcionam a economia e as finanças em nosso país e no mundo.

Eu anoto os meus gastos hoje. Meus pais gostaram desta minha nova forma de organizar minhas despesas e o que eu ganho. Antes de participar do Projeto eu já tinha alguma organização nas minhas finanças, mas agora acho que me organizo melhor, planejo, faço isso com mais clareza. Sou até crítica: analiso se realmente precisava ter gasto dinheiro nas compras que fiz ou em alguma atividade de lazer em que gastei meus recursos. Analiso se

realmente o que foi gasto se justificou e se foi positivo para mim. Às vezes chego à conclusão que gastei uma soma em algo que não valeu a pena. Já sei para a próxima vez.

Não ganho muito, é mesada. Não consigo guardar muito, mas controlo mais do que eu controlava antes. Alguma coisa consigo guardar. Evito desperdiçar meus recursos financeiros. Acho que isso me ajuda a me formar para uma futura administração de minhas finanças quando estiver trabalhando.

Achei muito importante a mistura de matérias do Projeto de Educação Financeira. Quando comecei, no início do ano, até pensei que trabalharíamos só com conteúdos de matemática ou de administração. Mas foi muito interessante ver aspectos de história do dinheiro, probabilidades na matemática. Clareou os meus conceitos sobre o uso dos recursos financeiros.

O fato de receber um certificado de participação no final do ano também foi muito legal, valoriza o que nós fizemos durante os nossos encontros. O que aprendi vou poder usar no meu dia-a-dia, às vezes, até, sem me dar conta ou ter que refletir sobre o que deveria fazer em tal situação. Ter passado por dois trimestres conversando com colegas, professores, assistindo palestras e refletindo sobre a administração dos meus recursos já nos prepara para a vida e facilita a tomada de decisões. Antes eu não tinha a visão que tenho hoje, que considero mais clara. Eu nunca havia pensado sobre o assunto.

Assuntos como conta bancária, cartão de crédito, seguro, eu só ouvia falar em casa, por meus pais. Mas não conhecia a fundo, não sabia ao certo para que servia e como lidar com esses “produtos”. Impostos e bolsa de valores, então, eram coisas muito distantes. Só ouvia nos noticiários da TV ou via nos jornais, mas nunca havia prestado atenção ou tinha tentado entender do que, realmente, se tratava. Agora, quando eu precisar lidar com bancos, já estou mais esclarecida sobre o funcionamento. Por exemplo, juros do cheque especial, cartão de crédito, impostos do governo e tarifas que a gente paga como cidadão. Considero a

iniciativa deste Projeto muito importante e válida para preparar os jovens para entrar na vida adulta mais “vacinação” contra as espertezas do mercado financeiro.

Eu conversei algumas vezes com meu pai sobre o conteúdo do Projeto. Em algumas ocasiões, acho que nossas conversas influenciaram em suas decisões sobre a compra de coisas para nossa casa. Paramos para pensar: o que é mais vantajoso para nós, agora, do ponto de vista econômico? Antes até a gente já planejava em conjunto, mas agora acho que isso foi reforçado, a gente vê que é possível pensar assim e que não é preciso sempre comprar só porque há recursos “sobrando”. Meu pai sempre diz como está sendo esse mês: o que pode ser gasto a mais ou se noutro mês é preciso economizar para não ter que passar por situações de desconforto no banco, por exemplo.

4 Aluna Denise

Eu acho que é importante saber lidar com dinheiro [de forma a não desperdiçá-lo]. O mundo exige que a pessoa saiba se organizar e seja autônomo para dirigir as próprias finanças. Antes de participar do Projeto eu tinha bastante dificuldade em lidar com assuntos relacionados a finanças. Eu não entendia muito de bolsa de valores, correção monetária, eu não sabia nada sobre esses assuntos. Agora eu já consigo entender do que se está falando e para que serve. A parte da história que tratou sobre comércio e as relações econômicas foi bastante importante.

Foi interessante termos trabalhado as várias áreas aqui no Projeto de Educação Financeira. Matemática, Ética, História e Informática se combinaram muito bem. Não é preciso ficar trabalhando somente de um jeito. Aqui pudemos ver que todas estas áreas se completam e se comunicam muito bem. Uma oferece ajuda para a outra. Por exemplo, usamos os conhecimentos de Informática para fazer projeções de investimentos para o futuro, usando

também os conhecimentos matemáticos e a ferramenta computador. Essa mistura torna o trabalho mais abrangente e atrai mais os alunos para participar. Evita a monotonia. É uma forma diferente e interessante de ver um conteúdo para o qual todos faziam uma cara de desprezo.

Gostei bastante de ter visto toda a evolução do sistema de troca, passando para moeda corrente e assim por diante. Também achei muito legal a parte da Matemática, que nos ofereceu formas fáceis de fazer cálculos para controlar e administrar o uso do nosso dinheiro. Foi interessante ver como se calculam juros, rendimento de caderneta de poupança, descontos. Eu só conhecia estes cálculos de ouvir falar, pois não fazia parte do meu dia-a-dia. Nunca tinha trabalhado com estas contas. Foi diferente e interessante para mim. Quando estávamos trabalhando com os conteúdos de investimentos e poupança eu falava com meus familiares e foi legal trocar idéias com eles.

Para mim foi muito bom participar do Projeto. Eu não dava muita importância ao controle do dinheiro, eu não tinha preocupações de economizar. Agora tenho essa consciência criada em mim. Eu sou impulsiva com o gasto do dinheiro, compro por estímulo, sem pensar muito no futuro. O Projeto me ajudou a [me] controlar um pouco mais. Até consigo poupar um pouquinho agora.